REFERENCIAL
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 55 / ABRIL A JUNHO 99 / ANO 13

EDITORIAL

No período coberto por este número de "O Referencial" há três acontecimentos que merecem destaque. E são três acontecimentos que não tendo, obviamente, um nexo de causa e efeito, não deixam de apresentar pontos de contacto que justificam uma abordagem integrada.

O primeiro corresponde às comemorações do XXV Aniversário do 25 de Abril, às quais esta edição do nosso Boletim dará particular relevo.

As cerimónias oficiais e as manifestações populares decorrem - porque as comemorações se prolongam por todo o ano - com enorme participação, envolvendo praticamente toda a comunidade portuguesa, incluindo largas parcelas dos núcleos nacionais dispersos pelo estrangeiro e revestiram-se de assinalável dignidade.

O quarto de século da "revolução dos cravos" está a receber a consagração que os portugueses acham que merece e vem demonstrando que o 25 de Abril de 1974 está implantado na consciência dos portugueses, de todas as gerações, como acto fundador do regime de liberdade que rege a nossa vida em sociedade. As pequenas minorias que não comungam deste sentimento excluíram-se elas próprias, porque a democracia portuguesa não exclui ninguém e mostrou-se até bem generosa no acolhimento aos que sempre a recusaram.

Mas as comemorações não deixaram de ser ensombradas por terem coincidido com um período em que Portugal se encontrava, de novo, envolvido numa guerra.

E aqui entramos no segundo acontecimento.

Entre os valores fundamentais que animaram o 25 de Abril, a paz perfilou-se como um dos mais mobilizadores e o termo da guerra colonial constituiu mesmo um dos objectivos centrais do Programa do MFA e que se tornaria o maior catalisador da adesão popular à revolta dos "Capitães de Abril".

25 anos depois Portugal estava de novo envolvido num conflito, aliás de forma mal assumida pelo poder, que não conseguia fazer passar na opinião pública, nomeadamente na mais atenta e informada, uma mensagem identificadora dos valores, ou mesmo dos interesses nacionais, que justificassem o envolvimento militar português.

Se em 1974 o 25 de Abril tirou Portugal de uma guerra condenada pela ONU, o seu XXV Aniversário veio encontrar o

(Continua na última pág.)

SUMÁRIO

Editorial	1
25 de Abril, Ano XXV	3 a 21
Da Direcção	22
Sementes de Abril	23
Testemunho	24
Opinião	25 a 28
Das Delegações e Núcleos	29 a 35
Vida Associativa	36 a 38
Desporto e Recreio	39

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECTOR:
Pedro Pezarat Correia

DIRECTOR-ADJUNTO:
José Cardoso Fontão

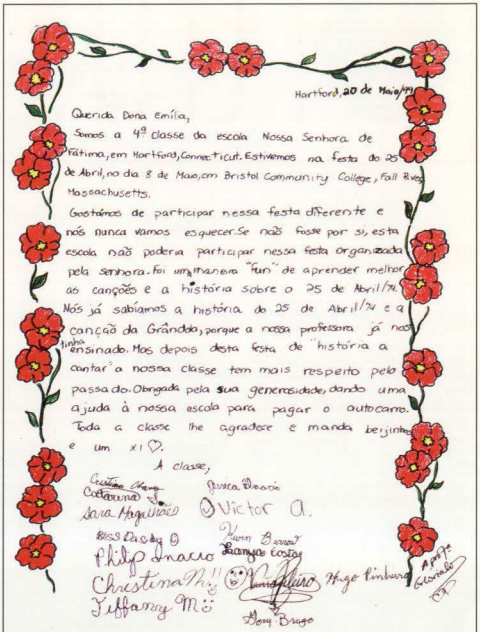
IMPRESSÃO:
Tip. Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 385 35 93
1070 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4500 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
Tel. 415 37 20 • Fax 419 81 30
E.mail:a25a.sec@25abril.org
2795-125 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO DO NORTE
Escadas do Barredo, 120 R/c Esq.
Tel.Fax: (02) 203 11 87 - 4050-092 PORTO
Apartado 4678 - 4012-001 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
DELEGAÇÃO DO CANADÁ
153 Hamilton St
Toronto - Ontario – M4M 2C9
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89



Hartford, 20 de Maio/94

Querida Dona Emília,

Somos a 4ª classe da escola Nossa Senhora de Fátima, em Hartford, Connecticut. Estivemos na festa do 25 de Abril, no dia 8 de Maio, em Bristol Community College, Fall River, Massachusetts.

Gostámos de participar nessa festa diferente e nós nunca vamos esquecer. Se não fosse por si, esta escola não poderia participar nessa festa organizada pela senhora. Foi uma maneira "fun" de aprender melhor as canções e a história sobre o 25 de Abril/74. Nós já sabíamos a história do 25 de Abril/74 e a canção da Grândola, porque a nossa professora já nos tinha ensinado. Mas depois desta festa de "história a contar" a nossa classe tem mais respeito pelo passado. Obrigada pela sua generosidade, dando uma ajuda à nossa escola para pagar o autocarro. Toda a classe lhe agradece e manda beijinhos e um xi ♡.

A classe,

Cristina Chang
Catarina Sá
Sara Magalhães
Bess Dasilva
Philip Inacio
Christina Mü
Tiffany Mü
Jessica Dinario
Victor A.
Kevin Barrat
Lacanya Costa
Hugo Pinheiro
Dony Brago
Apoio Gabriela

O Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro, nos EUA, promoveu, em boa hora, entre os alunos do Ensino Básico, uma iniciativa, a que chamou "Festa dos 25 Anos do 25 de Abril", para fomentar a participação criativa dos alunos.

Acima reproduzimos o trabalho colectivo de uma escola de Hartford, seleccionada, entre muitas outras, pela Coordenadora de Ensino daquele núcleo.

Na capa: *Serigrafia de homenagem a Salgueiro Maia com base no quadro a óleo sobre tela da autoria do pintor José Quaresma*

INJUSTIÇAS E POUCAS VERGONHAS

No último número de "O Referencial", no caderno "Da Direcção e no próprio "Editorial", deu-se relevo à polémica levantada pela "reparação de injustiças e reconstituição de carreiras", nascida com o "Estudo Técnico" elaborado por um Grupo de Trabalho no seio da A25A. Esta questão teve o seu desfecho com a Lei 43/99 de 11 de Junho, aprovada na Assembleia da República com os votos favoráveis do PS, PCP e Verdes e abstenção do PSD e PP.

Porque pode interessar a muitos dos militares, membros da A25A e porque é um documento que, inquivocamente, se insere no processo histórico do 25 de Abril, aqui o inserimos na íntegra. E incluimos também o discurso do deputado do PS António Reis, "militar de Abril" e sócio da A25A, na sua versão integral, com o que fez a apresentação da proposta de lei na Assembleia porque, tratando-se de um texto que concilia a sensibilidade do político, com o rigor do historiador e com a emoção do participante no 25 de Abril, traduz bem o que, de essencial, esteve na génese desta questão.

INTERVENÇÃO DO DEPUTADO ANTÓNIO REIS (PS)

No momento em que nos aprestamos para comemorar o vigésimo quinto aniversário da revolução libertadora do 25 de Abril, mal ficaríamos com as nossas consciências de democratas se continuássemos a pactuar com a subsistência de situações de gritante injustiça, que vieram afectar a situação de significativo número de militares, todos eles participantes activos quer no derrube do regime ditatorial quer no processo então iniciado de transição para a democracia. Nada justifica a permanência dessas situações. Pelo contrário, tudo impõe que sejam rapidamente revistas e reparadas, à luz não só de incontornáveis critérios de justiça como espírito de reconciliação nacional , que já originou, em 1984, a revisão da situação dos militares objecto de actos de saneamento administrativo e discricionário na sequência da própria revolução.

Porque é sobretudo, e com efeito, de um acto de justiça que se trata, e não da concessão de qualquer espécie de privilégios ou honrarias, que violariam o princípio da igualdade de direitos e deveres tão caro aos revolucionários de Abril.

Porque é sobretudo, e com efeito, de um acto de justiça que se trata, e não da concessão de qualquer espécie de privilégios ou honrarias.

Um acto de justiça, porque todos sabemos que esses militares se viram prejudicados nas suas carreiras em consequência do seu empenhamento activo e generoso na Revolução, num período em que as difíceis circunstâncias que rodeavam a sociedade portuguesa impunham a sua presença à frente dos órgãos do Estado.

Um acto de justiça, porque todos sabemos que não era fácil encetar uma transição rápida e linear para a democracia num país marcado pela desinformação e a anestesia cívica, fomentadas pela ditadura, e mergulhado numa guerra colonial de treze anos, que limitava as alternativas em termos de estratégia descolonizadora.

Foram tempos de aprendizagem e tacteamento, esses, para tantos de nós, militares e civis, dirigentes do MFA ou dirigentes de partidos políticos e sindicatos. Tempos em que os partidos, conscientes da sua própria fragilidade e da necessidade de prevenir quaisquer tentativas de reposição das estruturas autoritárias do regime anterior, não prescindiam da aliança com o Movimento das Forças Armadas e consideravam os militares garantes de um processo de transição para a democracia.

Tiveram, pelo menos, a coragem de arriscar e de assumir frontalmente um papel interventor que a esmagadora maioria dos 'portugueses, aliás, nessa altura exigia.

Tempos em que esses mesmos militares souberam honrar o compromisso central do programa do MFA de realização de eleições livres e sérias para uma Assembleia Constituinte, assim permitindo a emergência de uma legitimidade eleitoral de forças políticas civis, a qual, aliás, se viria a revelar para a anulação de veleidades revolucionárias-vanguardistas.

Tempos de transição em que o poder tinha de assumir necessariamente uma natureza política-militar, sob pena de se agravarem os riscos de uma generalizada confrontação no terreno civil, com o previsível e consequente bloqueamento de uma solução democrática na organização do novo poder.

Nessa conjuntura difícil, marcada pela emergência de projectos de sociedade contraditórios, coube aos militares um papel para o qual, salvo raras excepções, não estavam nem podiam estar preparados, mas que, em boa verdade, mais ninguém na sociedade portuguesa podia desempenhar. Cometeram erros? Sem dúvida. Mas quem não os cometeu? Tiveram, pelo menos, a coragem de arriscar e de assumir frontalmente um papel interventor que a esmagadora maioria dos 'portugueses, aliás, nessa altura exigia. Nalguns casos com excessos e devaneios utópicos, é certo. Mas não eram esses excessos e devaneios frutos da própria pressão exercida por uma parte da sociedade portuguesa da época? Ou já esquecemos os sonhos que percorreram inclusivamente alguns dos que hoje se sentam calmamente nos órgãos do Estado e nos mais diversos partidos, incluindo os que se sitiam à direita do leque parlamentar?

Catapultados para a assunção dum papel político num ambiente de inevitável instabilidade, confusão e conflito de projectos, esses militares tiveram a coragem de dar a cara, em vez de se refugiarem num prudente e, porventura, em certos casos, calculista distanciamento da ribalta dos acontecimentos políticos.

E, no entanto, a transição para a democracia foi concluída com inegável êxito e através, não o esqueçamos, de um pacto negociado e firmado entre o Movimento das Forças Armadas e os principais partidos políticos! Um pacto em que os militares do MFA, fiéis ao seu compromisso inicial do programa do 25 de Abril, aceitavam renunciar ao poder político e entregá-lo em plenitude aos representantes eleitos do povo português, como

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

efectivamente veio a acontecer após a revisão constitucional de 1982.

Pela primeira vez na nossa história, numa revolução desencadeada por militares, estes acabaram por se remeter voluntariamente à sua função estritamente profis-sional em disciplinada subordinação ao poder político civil legitimado democraticamente.

Pela primeira vez na nossa história, numa revolução desencadeada por militares, estes acabaram por se remeter voluntariamente à sua função estritamente profissional em disciplinada subordinação ao poder político civil legitimado democraticamente.

Como não evocar o contraste histórico que esta atitude representa relativamente à Primeira República - no entanto implantada por uma revolução não estrita e autonomamente militar como o 25 de Abril - e ao longo da qual se sucederam as intervenções dos militares na vida política, culminadas, como se sabe, com o infeliz 28 de Maio? E que diferença entre a atitude dos militares do 5 de outubro, logo alvo de benesses e privilégios como pensões especiais e promoções automáticas, e a dos principais militares do 25 de Abril, que de imediato rejeitaram as propostas de Spínola e Costa Gomes para que fossem logo promovidos ?

Por todas estas razões, consideramos inaceitável que um número significativo de militares do 25 de Abril tenha sido tratado por alguma hierarquia do período pós-revolucionário como se tivessem participado num acto subversivo! Até mesmo Salgueiro Maia, em que o país reconhece o herói-modelo do 25 de Abril, se viu seriamente prejudicado na normal ascensão na sua carreira pelo seu papel, aliás, exemplar, no 25 de Abril e em todo o processo subsequente! E por isso, com aquele humor amargo que o caracterizava, confessava aos seus amigos ser tratado como um "implicado" no 25 de Abril e correr mesmo o risco de um dia vir a ser julgado pelos actos subversivos cometidos no Terreiro do Paço e no Largo do Carmo...

Consideramos inaceitável que um número significativo de militares do 25 de Abril tenha sido tratado por alguma hierarquia do período pós-revolucionário como se tivessem participado num acto subversivo!

É tempo, pois, de pormos cobro a esta absurda e escandalosa anomalia que só nos envergonha perante a história. Se está fora de causa a concessão de quaisquer benesses ou privilégios aos militares de Abril, que os próprios seriam, aliás, os primeiros a rejeitar, não podemos, porém continuar a pactuar com os prejuízos causados à sua carreira por actos administrativos directos ou pelo clima de coacção em que foram envolvidos. É injusto e absurdo que estes militares tenham sido tratados como se afinal de contas tivessem perdido o 25 de Abril e o poder tivesse recuperado por aqueles mesmos que nesse dia foram derrotados!

É injusto e absurdo que estes militares tenham sido tratados como se afinal de contas tivessem perdido o 25 de Abril e o poder tivesse recuperado por aqueles mesmos que nesse dia foram derrotados!

O projecto que ora vos apresentamos é, por outro lado, um projecto que prevê soluções equilibradas e realistas, distinguindo os procedimentos aplicáveis a militares em situação de reserva ou reforma dos procedimentos relativos aos militares no activo, e fazendo intervir, de forma apropriada, todos os órgãos que no Estado de Direito Democrático devem ser chamados a exercer as suas competências, nos termos constitucionais.

É, por tudo isto, um projecto que reúne condições para um amplo consenso nesta Assembleia. Filha primogénita da revolução de Abril e da sua Constituição, a Assembleia da República sairá prestigiada de uma votação maciça a favor da reparação de injustiças cometias contra tantos que tornaram Abril possível e tiveram a coragem de assumir responsabilidades num período de transição tão difícil e tão delicado como foi o nosso. Saibamos, pois, ser dignos do regime de tolerância, de respeito mútuo e de convivência cívica, que soubemos criar, absorvendo conflitos e superando traumas. Até porque estamos convictos de que nenhum de nós está amarrado a uma concepção vindicativa a história, como se esta tivesse de ser feita através de permanentes ajustes de contas...

Celebremos, pois, os 25 anos de 25 de Abril também por via deste acto que, sendo de reconciliação e de concórdia, é acima de tudo, um acto de justiça!

21-04-99

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.° 43/99

de 11 de Junho

Aprova medidas tendentes à revisão da situação de militares que participaram na transição para a democracia iniciada em 25 de Abril de 1974

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161° da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1°
Âmbito de aplicação

1 - A presente lei determina a revisão da situação dos militares dos quadros permanentes dos três ramos das Forças Armadas que participaram na transição para a democracia iniciada em 25 de Abril de 1974 e, em consequência do seu envolvi-mento directo no processo político desen-cadeado pelo derrube da ditadura, foram afastados ou se afastaram ou cuja carreira tenha sido interrompida ou sofrido alteração anómala.

2 - O direito à revisão da situação militar, com vista à eventual alteração e reconstituição da respectiva carreira, é exercido pelo próprio ou, em caso de morte ou incapacidade permanente ou temporária do titular do mesmo, é reconhecido ao cônjuge ou, na sua falta , ao herdeiro legal de parentesco mais próximo do militar, preferindo, em igualdade de circunstâncias, o mais velho.

7 - A presente lei não se aplica aos militares com patente de coronel ou capitão-de-mar-e-guerra abrangidos pela Lei n° 15/92, de 5 de Agosto, nem aos militares abrangidos pelo decreto-lei n° 330/84, de 15 de Outubro.

Artigo 2°
Efeitos da revisão da situação militar

A revisão da situação militar implica cumulativamente:

a) A reconstituição da carreira militar do

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

requerente nos termos e condições previstos na presente lei;

b) O direito à contagem, como tempo de serviço efectivo, do tempo decorrido entre a data da mudança de situação e a produção dos efeitos da decisão que ordenar a revisão da sua situação militar, devendo as operações conse-quentes levar em conta a antiguidade, promoções e cálculo das remunerações no activo ou na reserva, ou das pensões de reforma e de sobrevivência, conso-ante os casos, sem todavia dar lugar a pagamento de quais quer retroactivos;

c) A assunção por parte do Estado Português do encargo dos pagamentos das quotas e diferenças de quotas devidas à Caixa Geral de Aposentações relativas ao tempo a que se refere a alínea anterior.

Artigo 3º

Procedimento aplicável a militares em situação de reserva ou reforma

1 - Quando se trate de militares em situação de reserva ou reforma ou por outra forma afastados, a apreciação e a revisão da respectiva situação militar obedecem ao seguinte procedimento:

a) O requerimento, dirigido ao Ministério da Defesa Nacional, pedindo a aprecia-ção e a revisão da situação militar em causa, deve ser apresentado no prazo de 180 dias a contar da data da entrada em vigor da presente lei, juntando ou indicando documentos probatórios;

b) Os requerimentos apresentados são remetidos para a comissão de apreciação a que se refere o artigo 5º e instruídos e apreciados, com efeito vinculativo, por esta;

c) A reconstituição de cada carreira efectua-se por despacho conjunto dos Ministros da Defesa Nacional e das Finanças.

2 - Quando a reconstituição da carreira militar do requerente, nomeadamente no que se refere a promoções e mudanças de situação, implique o regresso à efectivida-de de serviço, o processo será transmitido ao chefe do estado-maior do respectivo ramo, para decisão nos termos do artigo seguinte.

Artigo 4º

Procedimento aplicável a militares no activo

Quando se trate de militares no activo, a apreciação e a revisão da respectiva situação obedecem ao seguinte procedi-mento:

a) O requerimento, acompanhado de eventual pedido de passagem à reserva, deve ser apresentado ao chefe do estado-maior do respectivo ramo no prazo de 180 dias a contar da data de entrada em vigor da presente lei, juntando ou indicando documentos probatórios;

b) Os requerimentos apresentados são remetidos para os organismos de gestão do pessoal dos ramos das Forças Armadas e instruídos por estes, de acordo com os critérios previstos nos estatutos e demais legislação aplicável de cada ramo, sendo incluídos na instrução os elementos do requerente, bem como do sistema de promoções que se aplicar;

c) O chefe de estado-maior competente decide, através de despacho individual, quanto à reconstituição da carreira militar do requerente, nomeadamente no que se refere a promoções e mudanças de situação, incluindo a passagem à reserva;

d) O requerente pode exercer o direito de reclamação para o Ministro da Defesa Nacional e de recurso, nos termos decorrentes da Constituição.

Artigo 5º

Comissão de apreciação

1 - É instituída uma comissão de apreciação dos requerimentos de revisão de situação militar apresentados ao abrigo do artigo 3º, que integrará um oficial general, que preside, e sete vogais escolhidos de entre os oficiais superiores na situação de reserva ou reforma, sendo dois da marinha, três do Exército e dois da Força Aérea.

2 - A comissão é nomeada, no prazo de 30 dias, pelo Conselho de Ministros.

3 - A comissão dispará de apoio administrativo adequado, a estabelecer nos termos do artigo 6º.

4 - Os organismo de gestão do pessoal dos ramos das Forças Armadas prestarão à comissão a informação por esta requerida, livre acesso a documentos e toda a colaboração relativa aos processos em apreciação.

5 - A comissão poderá também por iniciativa própria propor a revisão da situação de militares na reserva ou na reforma que obedeçam às condições do artigo 1º.

Artigo 6º

Reconstituição da carreira

1 - A reconstituição da carreira militar, tendo sempre em consideração a respectiva idade do titular, faz-se por referência à carreira dos militares colocados à sua esquerda, à data em que mudou de situação, e que foram normalmente providos aos postos imediatos, observando-se, porém, as condições descritas nas alíneas seguintes:

a) O militar poderá regressar à situação de activo apenas quando contar menos de 36 anos de serviço após revisão da sua situação militar;

b) O militar que regressar à sua situação de activo reocupará o seu lugar na escala do respectivo quadro, depois de ter realizado com aproveitamento os cursos, concursos, estágios ou tirocínios que constituam condição de promoção aos postos para que transita ou a que ascende;

c) O militar que permanecer na situação de reserva, fora da efectividade de serviço, por ter atingido o limite de idade para o seu posto e quadro, ou por decisão do chefe do estado-maior do ramo nos termos da presente lei, é considerado como satisfazendo todas as condições especiais de promoção, com excepção dos cursos ou concursos que constituam condição de ingresso na categoria de sargento ou na de oficial;

d) O militar que, entretanto, haja transitado para a situação de reforma ou falecido será objecto de critério idêntico ao definido na alínea c).

2 - A reconstituição da carreira militar não pode ultrapassar o posto de capitão-de-mar-e-guerra ou de coronel.

3 - Os militares que regressem à efectividade de serviço na situação de activo são considerados na situação de supranumerários permanentes até que, por razões de idade, transitem para a situação de reserva ou solicitem a passagem a esta última situação.

4 - Aos militares que o solicitem no requerimento a que alude a alínea a) do artigo 4º deve ser concedida a passagem à situação de reserva a partir da data referida no artigo seguinte, se outra anterior não for indicada fundadamente pelo requerente.

5 - As disposições da presente lei são aplicáveis às praças da Armada do denominado "quadro permanente".

Artigo 7º

Produção de efeitos

O Governo aprovará, mediante decreto-lei, as normas necessárias à boa execução da presente lei e, tendo em conta o disposto no artigo 167º, nº 2, da Constituição, definirá o regime de produção dos seus efeitos no plano financeiro e organizativo, designadamente a data de início de pagamento nos termos da revisão decretada.

Aprovada em 22 de Abril de 1999

O Presidente da Assembleia da República, *António de Almeida Santos.*

Promulgada em 21 de Maio de 1999

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO

Referendada em 25 de Maio de 1999

O Primeiro Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres.*

De S. Paulo
O 25 de Abril

O nosso muito dedicado e diligente associado *JOSÉ VERDASCA DOS SANTOS* através de um seu artigo publicado no "Jornal da Albi" dá-nos conta da programação que o Centro Cultural 25 de Abril levou a cabo nas nossas "Bodas de Prata".

Por: José Verdasca

Para as comemorações dos 25 anos do 25 de Abril (Bodas de Prata), o Centro Cultural 25 de Abril programou, e levou a cabo, um conjunto de eventos dignos da efeméride:

1 – Exposição de fotografias, gravuras, medalhas e livros publicados nos últimos 25 anos, e relativos à magna data e às suas comemorações anuais, mantida durante todo o mês de Abril na sua sede, à Rua Genebra, n.° 161 e que foi visitada por milhares de pessoas.

2 – Concursos de redacção em que o tema (A Revolução dos Cravos) foi o movimento que restaurou as liberdades democráticas em Portugal, entre os alunos dos cursos secundários de centenas de colégios da capital, cujo sucesso ultrapassou as mais optimistas previsões.

3 – Concurso de jornalismo, dirigido aos alunos dos cursos superiores de jornalismo, cujo prémio, uma viagem de trabalho a Portugal – foi entregue no final das comemorações, ao estudante de jornalismo vencedor, que lá recolherá elementos para uma reportagem alusiva ao tema, a ser publicada nos dois principais jornais da capital.

4 – Festival de cinema português, com a exibição dos melhores filmes produzidos em Portugal após a sua redemocratização.

5 – Almoço de confraternização, aberto aos democratas portugueses e brasileiros, realizado a 25/04/99, no salão do Centro Transmontano de São Paulo, símbolo de pureza de ideais após o desfalque ali praticado por uns poucos fascistas da capital, a que compareceram 200 democratas.

6 – Sessão solene de encerramento, realizada após o almoço e a apresentação de um rancho folclórico luso-brasileiro, dos Jograis Fernando Pessoa, que apresentaram textos alusivos à efeméride, e de um coral, que interpretou, entre outras canções, Grândola, Vila Morena.

A sessão solene, conduzida pelo Presidente do C. C. 25 de Abril, Eng. Ildefonso Garcia, foi presidida pelo Exmo. Sr. Cônsul de Portugal em São Paulo, Dr. José Guilherme de Queiroz Ataíde, contou com a presença do grande democrata e intelectual brasileiro Prof. Dr. António Cândido, que foi o orador oficial, e teve ainda como oradores os representantes dos partidos políticos portugueses José Verdasca, Vitorino Rodrigues e Alexandre Pereira.

Presentes, ainda, autoridades, deputados e vereadores brasileiros, representantes de instituições culturais, cineastas e jornalistas dos principais veículos de comunicação de São Paulo, facto raro entre os eventos levados a cabo pelas associações luso-brasileiras, o que deu brilho e muito prestigiou o evento do C. C. 25 de Abril.

Encerrada com um pronunciamento do representante do Estado Português em São Paulo – o Exmo. Cônsul Geral – e finalizada com a execução dos hinos nacionais dos dois países, a sessão solene revestiu-se do mais alto significado, e da mais elevada dignidade, tendo fechado com chave de ouro as comemorações dos vinte e cinco anos da data em que, no nosso Portugal e pela mão dos capitães de Abril, foram restauradas as liberdades democráticas, a paz e a dignidade.

Presentes, ainda, autoridades, deputados e vereadores brasileiros, representantes de instituições culturais, cineastas e jornalistas dos principais veículos de comunicação de São Paulo, facto raro entre os eventos levados a cabo pelas associações luso-brasileiras.

SOMOS LIVRES

Sob o tema "Somos Livres" deu-nos conta a nossa apoiante Ana Catarina Escaroupa do modo como a Freguesia de Midões comemorou a Revolução dos Cravos – Um saudável passeio cicloturista, afinal uma expressão bem livre, num País Livre.

Dessa ou de outras maneiras que a *Liberdade* vos continue a acompanhar nas próximas comemorações.

Vinte e cinco de Abril de mil novecentos e noventa e nove, vinte e conco anos depois da Revolução dos Cravos... O dia começa chuvoso, o que não impede que centenas de pessoas, desde os oito aos oitenta anos de idade, se juntem debaixo de tais condições atmosféricas com um sorriso de liberdade.

A actividade prevista para a comemoração deste dia está prestes a começar, um cicloturismo com um percurso de aproximadamente 25Km, com início em Midões, paragem em Tábua (nossa sede de Concelho) para um pequeno almoço e regresso a Midões.

Nove horas e trinta minutos, a chuva pára... O passeio tem início. Todos pedalamos contentes; contentes por sermos livres, contentes por podermos pensar e ter os nossos ideais, contentes por não dependermos de um regime de ditadura, de opressão.

A meio da manhã o céu começa a sorrir a todos os cicloturistas, o sol radiante começa a espreitar por entre as nuvens aquecendo ainda mais os nossos corações palpitantes, os nossos corações de Abril.

Treze horas e trinta minutos, finalmente regressamos ao nosso ponto de partida, onde o almoço nos espera.

No início da tarde a chuva regressa, é o pranto do céu que recorda com alegria e saudosismo o dia em que assistiu à destituição da opressão para dar lugar à liberdade.

25 de ABRIL de 1974, estarás sempre nos nossos corações, nos nossos pensamentos pois, por ti, SOMOS LIVRES!

Catarina Escaroupa

25 DE ABRIL EM ALMEIDA

Na qualidade de membro da Comissão Organizadora das Comemorações em Almeida o nosso consócio Alfredo Carlos Esperança deu-nos a conhecer o andamento do projecto do Monumento ao 25 de Abril a ser erguido em Almeida, já noticiado no nosso Boletim anterior e cuja inauguração continua prevista para o corrente ano.

Através do número de Maio do Jornal Praça Alta tivemos também conhecimento das Comemorações que tiveram lugar em 24 e 25 de Abril com grande brilho e elevado número de participantes.

Como já vem sendo habitual comemorou-se em Almeida mais um aniversário do Movimento Libertador do 25 de Abril. Este ano foi um aniversário muito particular, o 25.°, as bodas de prata do golpe militar que entregou o poder nas mãos do povo português, implementando no nosso país um regime político verdadeiramente democrático.

As comemorações iniciaram-se na noite de 24, com um espectáculo musical no Auditório da Câmara Municipal em que marcaram presença a Escola de Música Jardim Musical, o Coro Etnográfico de Almeida e ainda o agrupamento HENAPAZÉ. Com a sala praticamente cheia, e depois de um pequeno atraso no início, assistiu-se a uma óptima noite musical, que culminou com a maioria dos presentes, de pé, a cantarem o "Grândola Vila Morena", lembrando aquela noite em que os valorosos capitães de Abril escreveram uma nova página na história do País. No exterior ainda houve tempo de assistir a uma sessão de fogo de artifício, antes de retemperar os estômagos com uma pequena ceia.

No dia 25, teve lugar mais uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal. Usaram da palavra os representantes de todos os partidos com assento na mesma. Tónica comum a todos os discursos, como não podia deixar de ser, a exaltação da Revolução que há 25 anos terminou como regime ditatorial vigente. A terminar o Presidente da Câmara, Dr. Costa Reis, usou da palavra enaltecendo também o 25 de Abril, atribuindo à guerra colonial e às manifestações estudantis o papel fundamental no desenvolver do processo revolucionário e não se esquecendo de referir o papel da Revolução dos cravos na afirmação do poder local.

Pelas 13 horas, muitos cidadãos, quase todos residentes na vila de Almeida, reuniram-se num almoço na Pousada Senhora das Neves, com a finalidade de continuar as comemorações. O almoço, ao qual compareceram 97 pessoas, foi excelentemente servido, o que é um atributo perfeitamente consolidado da Pousada Senhora das Neves, que desta forma vai também servindo a vila de Almeida. A organização destas comemorações aproveita o ensejo para agradecer ao sr. director da Pousada, sr. Rodrigo, todo o apoio dado, tendo deste modo contribuído para o brilho e dignidade que as mesmas alcançaram. No final do Almoço-Convívio, que decorreu em verdadeiro ambiente de alegria e camaradagem, tomou a palavra em nome da organização, o dr. Telmo Cunha, o qual acentuou os progressos políticos e económicos que o regime democrático trouxe ao povo português, - falou na liberdade como condição para uma vida digna e plena, referindo-se seguidamente aos novos perigos que espreitam a nossa vida colectiva, trazidos pelas correntes que incentivam os cidadãos a um desregrado consumo, desviando-os assim de uma vida mais solidária e feliz. Falou depois em nome da comissão do monumento ao 25 de Abril, a ser erigido na Praça Dr. Casimiro Matias, em Almeida, o Prof. Carlos Esperança, que na sua usual e singular forma de se exprimir, descreveu o cenário da vida quotidiana antes do 25 de Abril de 1974, onde a falta de liberdade era gritante, onde as dificuldades económicas eram extremas para a maioria da população portuguesa, sublinhando em seguida todas as imensas virtualidades que a democracia trouxe á vida individual e colectiva dos cidadãos do nosso país.

Pediu depois o apoio das pessoas ali presentes, para que o monumento ao 25 de Abril em Almeida, seja uma bonita realidade. O apelo foi de imediato escutado por alguns, que quiseram ali mesmo dar-lhe continuidade, assinando alguns cheques de modo a que a comissão consiga o montante desejado e que ainda é avultado. A Dra. Conceição Vilhena, leu seguidamente a mensagem que a Comissão do 25 de Abril enviou para ser lida em todo o país, em todos os locais onde foi comemorada tão importante data. O Convívio terminou com a recitação de alguns poemas pelo sr. Taborda, poemas que nunca nos cansamos de ouvir e, com a entoação do "Grândola, Vila Morena", que é na realidade um verdadeiro hino ao espírito que presidiu à revolta dos cravos.

Como vem sendo hábito, também não foi esquecida a deposição de um ramo de cravos junto à placa toponímica do Largo 25 de Abril.

Durante a tarde, a animação esteve a cargo dos bombos do Carapito e o Salão da Junta de Freguesia foi o local da continuação do convívio e animação pela noite dentro.

Para o próximo ano, a Comissão que vai presidir às comemorações tem a seguinte constituição: Maria Conceição Azevedo, Raúl Jesus, Afonso, Sérgio Mareco Almeida, Alzira Esperança Baptista, Pedro Mota, André Ricardo Meireles, Fátima Sieiro, Amélia Antunes Nunes, Luís Estêvão e António Fernando Fonseca.

Armindo Pereira

festa jovem

Em 18 de Abril, decorreu no Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada", mais uma edição – a 6.ª Edição – da ***FESTA JOVEM***. Este Festival Gímnico, organizado pela A25A, CMA, FPG, FPTDA, AGL e AGS, integra-se desde 1984 nas comemorações do aniversário do 25 de Abril, organizadas pela A25A. Este ano teve a participação de cerca de 1.300 crianças representando dezoito entidades entre Escolas, Clubes, Câmaras Municipais, sendo de destacar sem desprimor para as restantes representações, a Casa Pia de Lisboa que além de uma classe de ginástica colaborou com a sua Banda Infantil.

A ***FESTA JOVEM*** durante as suas seis edições movimentou já cerca de 8.000 crianças, sendo o único Festival Gímnico a nível nacional para crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos. Este Festival já consolidado é já uma referência para as crianças nas comemorações do 25 de Abril.

Jorge Ribeiro

TORONTO – COMEMORAÇÕES DO 25.° ANIVERSÁRIO

Relembrar a minha visita ao Canadá e o extenso programa de realizações da Delegação da A25A em Toronto, é-me duplamente agradável. A nível pessoal, pelas excelentes amizades que por lá fiz, e pela hospitalidade, diria pela fidalguia, com que fui recebido.

A nível associativo, pelo óptimo trabalho feito pela Delegação que pode ser apreciado, ainda que parcelarmente, pela lista de realizações.

Logo à chegada (18 de Abril) fui brindado com um jantar na "Nova Casa Portuguesa", com a presença de quase todos os elementos da Delegação, e que decorreu da melhor maneira, dir-se-ia que já nos conhecíamos de longa data.

No dia 19 hove um encontro com a Juventude de várias associações no Clube Português de Mississauga, nos arredores de Toronto. Foi muito interessante, já pelo elevado número de participantes, já pela forma activa como estiverem no encontro. Isto apesar de um certo retraimento por parte dos jovens, para quem o português é já a 2.ª língua. Lá como cá, para além das naturais perguntas, notava-se um genuíno interesse em conhecer de perto alguém que tinha vivido o 25 de Abril.

A nível associativo, pelo óptimo trabalho feito pela Delegação.

No dia 20 foi a visita à Associação Democrática, que tem uma vasta história de luta contra a ditadura. Aliás tive outras oportunidades de visitar esta Associação, tendo sido sempre recebido da melhor forma.

No dia 21 estava prevista uma palestra presidida pelo Ministro-Adjunto Dr. António José Seguro, no Graciosa Community Centre. Por razões já conhecidas, foi substituído pelo Dr. Vitalino Canas.

No dia 22 foi um debate na Casa dos Açores, com a presença do Prof. José Carlos Teixeira, da Universidade de Toronto – um belo exemplo de integração sem perder de vista as suas origens. Mau grado a fraca afluência de público, dividido por outras iniciativas, foi um debate interessante, uma vez que o Prof. Teixeira lecciona geografia Humana e a palestra tratava da integração das comunidades portuguesas no Canadá.

No dia 23 foi a vez de outro debate com a presença de representantes de várias associações, novamente no Graciosa Community Centre. No dia seguinte foi feita uma visita à Câmara Municipal de Toronto, com a presença de um deputado Federal, e de três vereadores, um dos quais o Sr. Mário Silva, actualmente o único de origem portuguesa.

Durante um dia esteve patente no átrio da Câmara uma mini-exposição sobre o 25 de Abril, junto à qual veio a decorrer o encontro com as personalidades acima referidas.

O grande dia foi o 25 de Abril, com um almoço-convívio no Europa Convention em Mississauga, que reuniu mais de 400 pessoas destacando-se, entre outras, o Consul-Geral de Portugal em Toronto e esposa, um representante do vereador Mário Silva, o Presidente da Associação das Comunidades Portuguesas no Ontario, Sr José Eustáquio e o Prof. José Carlos Teixeira. Foram cantados os hinos e a "Grândola Vila Morena" por Isabel Sinde, artista luso-canadiana, houvendo também a actuação de fadistas locais. Foi lida uma mensagem do 1.° Ministro do Canadá, Jean Chrétien, de que dou uma tradução:

O grande dia foi o 25 de Abril, com um almoço-convívio no Europa Convention em Mississauga, que reuniu mais de 400 pessoas

"É um prazer estender as minhas saudações o todos os que marcam o 25.° aniversário do 25 de Abril.

Acontecimentos como este reflectem e celebram, quer a herança individual, quer a colectiva da comunidade canadiana. Esta pedra miliar, marcando uma era significativa na história de Portugal, é também uma ocasião para celebrar as contribuições que deram e continuam a dar os luso-canadianos para o crescimento e prosperidade do nosso País.

De facto, o Canadá é incomensuravelmente enriquecido pela diversidade do seu povo e pelos dons específicos da herança e da cultura de que cada um de nós é portador.

Os organizadores podem ser apontados como ajudando a promover laços vitais de geração em geração, num espírito de paz e boa vontade.

Queiram aceitar os meus votos de uma comemoração agradável".

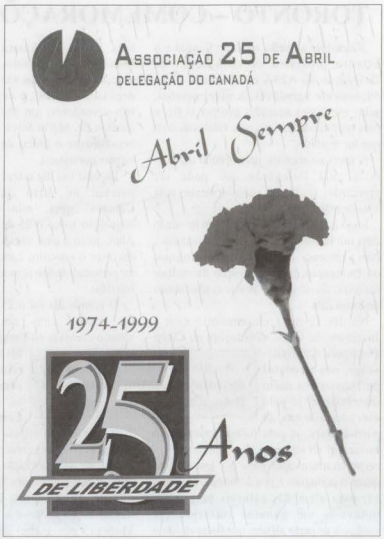
Para além destas actividades "'oficiais'", poderia referir muitas outras demonstrações de boas vindas. Mas perdoem-me o bairrismo se distingo a comunidade madeirense. Foi para mim comovente encontrar quem tinha conhecido familiares meus, e deles me falava com saudade e carinho. Recordo o restaurante Tropical Nights, de Mississauga, a espetada "obrigatória" no Madeira Park, com direito a plantar uma árvore, ou da recepção na sede do Madeira Club (com obrigação de voltar!). Julgo que sintetizei os meus sentimentos no livro de honra: "... nunca me senti tão madeirense...".

Também me foi dado ter três intervenções na TV e uma longa entrevista na rádio (cuja difusão foi repetida, a pedido dos ouvintes) e uma larga cobertura na imprensa portuguesa local.

IMPRESSÕES DE TORONTO

A primeira impressão que me ficou de Toronto foi de decepção. Para quem fazia uma ideia da cidade pelos "postais" habituais, os primeiros passos pelo centro deram uma imagem de uma cidade semi-deserta, de arranha-céus opacos ombreando com ruas decrépitas, onde florescia um comércio manhoso. A boa vontade dos meus guias fizeram dissipar por completo essa imagem. É que por baixo dos arranha-

Da Delegação da A25A do Canadá recebemos um exemplar da revista que publicaram em comemorações do XXV Aniversário. Com excelente aspecto gráfico e rica colaboração, constituiu uma óptima iniciativa que registamos com muito agrado.



Ao Presidente da Direcção da delegação, Liberal do Couto e à Directora da Revista, Rita de Melo, os nossos agradecimentos e as mais calorosas felicitações.

(Continuação da página anterior)

céus há um complexo de centros comerciais, autêntica cidade troglodita, solução ideal para quem tem de enfrentar 30° negativos. Isto quanto ao centro, porque a partir dos escassos quarteirões de altos edifícios, expande-se uma mega-cidade de mais de três milhões de habitantes vivendo e trabalhando em casas de 2 ou 3 pisos, o que dá, a par duma área enorme, uma dimensão humana que surpreende o visitante. Mesmo no centro, a Universidade com o seu campus, os seus edifícios com um máximo de 100 anos, mas de vários "neos" que não deixam de lhe dar encanto, e seus os jardins onde brincam esquilos, dá uma nota de contraponto ao "skyline" dos postais ilustrados. Para o lado oposto, e a cinco minutos a pé, o antigo subúrbio de Cabage Town surpreende também pelo charme inimitável das suas casinhas vitorianas, com pequenos jardins bem cuidados. Igualmente se recomenda a Yorktown, contígua à Universidade, "onde há mais professores do que casas".

Mas a verdadeira alma de Toronto está nas suas comunidades, e no modo típico como consegue aliar o espírito de pertença à cidade com a preservação das características próprias de cada uma delas. Estamos habituados a ver diferentes comunidades nas nossas cidades, modo expontâneo, quase em auto-defesa: bairros africanos, indianos, ciganos, etc., e sempre consideramos tal facto como indesejável. em Toronto a atitude é a inversa: bairro italiano (Little Italy), bairro português, 4 (!), Chinatowns, comunidades ucranianas, coreanas, indianas... Ao todo mais de 190, falando mais de 90 línguas. Ao contrário do bi-cultural Quebeque, onde as duas comunidades dominantes vivem em confronto permanente, o multi-cultural Ontário dá um exemplo de compreensão e tolerância capaz de enfrentar os grandes problemas, como os decorrentes da entrada do Canadá na NAFTA, que causou 40% de desemprego na região.

Mas a verdadeira alma de Toronto está nas suas comunidades, e no modo típico como consegue aliar o espírito de pertença à cidade com a preservação das características próprias de cada uma delas.

SANTA CLARA GOMES

Comemorações Populares

Nos 25 anos de Liberdade, a A25A não podia deixar de se empenhar fortemente nas comemorações populares.

Como noutras situações, também aqui as comemorações se revestiram de um entusiasmo e participação especiais.

Ponto culminante dessas comemorações voltou a ser a manifestação que desce a Avenida da Liberdade, desta vez até à Praça do Comércio (com o acrescentado esforço, que a idade de muitos manifestantes já custa a suportar).

Com algumas novidades em termos de animação, onde a chaimite da A25A, pintada com grafittis e transmissora de canções revolucionárias, desempenhou papel importante, a manifestação teve enorme participação e foi mais uma vez reafirmação da alegria pela libertação e da vontade em consolidar os valores e as consequências dessa mesma libertação.

É um ritual? Talvez, mas quase que indispensável. E a demonstrá-lo a enorme participação, a festa esfuziante ao seu redor e a presença de muitos militares de Abril, uns mais mediáticos outros menos conhecidos, ao lado de figuras públicas e não públicas dos democratas portugueses.

Desta vez, a comissão promotora decidiu-se por uma única intervenção, um militar de Abril.

Vasco Lourenço fez uma intervenção com base na *Mensagem* da A25A, que se transcreve de seguida,

Em 25 de Abril de 1974, os militares de Abril derrubaram um regime de ditaura, abriram as portas à liberdade e à democracia. Fizeram-no aproveitando as condições criadas pela luta de muitos e muitos resistentes, que nunca se vergaram e acreditaram sempre ser possível derrubar a ditadura. A todos esses portugueses e portuguesas a nossa homenagem.

Em 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas fez História. Não só pelos resultados alcançados, mas também por toda a sua postura no acto libertador. Com efeito, os militares de Abril agiram sem pensar em recompensas. Ao avançarem, sabiam que punham em risco a sua vida e a sua carreira. Mas avançaram, porque constituem uma geração de ruptura. Agindo com o sentido de reabilitarem a sua instituição e a si próprios, os militares de Abril rompem com o passado.

Assumindo uma posição de profunda dignidade, os militares de Abril agem com enorme coragem pessoal e histórica.

Arriscaram tudo, sabendo que tudo arriscam, porque reconhecem, em consciência, ser necessário colocar Portugal na corrente da História.

Mas fazem-no imbuídos de princípios fundamentais, lutando por valores e nunca por interesses. Valores onde o da liberdade ocupa lugar cimeiro. Liberdade, como essência dos valores do homem, na sua vertente individual e colectiva, mas também na dos povos. Por isso, recuperando para os portugueses os direitos, as liberdades e as garantias, construindo com tolerância a democracia, colocaram como fundamental a libertação dos povos colonizados, forçando a descolonização e ajudando à independência.

Com a liberdade como referência, os militares de Abril avançaram para a institucionalização da democracia, não

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

como um fim mas como um meio para alcançar a igualdade e a justiça social.

O 25 de Abril ficará na História de Portugal como o dia em que os portugueses ganharam a liberdade, deixaram de ter medo, passaram a acreditar em si próprios e na sua capacidade de transformar a vida, de afrontar inimigos poderosos e de abalar esquemas que pareciam e se julgavam inexpugnáveis.

Dessa maneira, a sociedade portuguesa organizou-se democraticamente e o Estado assumiu o seu verdadeiro papel de poder regulador, com capacidade para defender o cidadão.

A sociedade portuguesa, democratizada, desfez assimetrias e desigualdades no campo interno e Portugal abriu-se ao mundo e estabeleceu relações com todos os povos.

Como consequência, os portugueses abriram-se à cultura, ao conhecimento, reaprenderam o caminho da cidadania activa e da luta por ideais, aprenderam a conjugar a coragem com a solidariedade, a não aceitar como inevitável as injustiças, a acreditar que é possível vencê-las e abrir novos caminhos.

O 25 de Abril, pelas suas características, foi verdadeiro exemplo de generosidade, de dignidade e de coragem e, por isso, constituiu-se em pioneiro de outras experiências de liberdade.

Momento alto da nossa História, a Revolução dos Cravos foi um momento importante da nossa caminhada, mas não foi o fim da mesma. Esta continua e certamente novas etapas gloriosas se viverão ainda. Por isso, por mais orgulhosos que estejamos por, há 25 anos, termos substituído o fascismo pela democracia, não podemos ficar cegos e indiferentes perante os muitos problemas que continuam a existir. Neste momento assume primordial importância encontrar uma solução política para a situação em que nos encontramos, quando estamos participando numa nova guerra. Sem esquecer que não se podem tolerar novos aprendizes de Hitler, como Milosevic pretende ser, não podemos ignorar que Abril também é paz. Por isso há que reencontrar Abril e por termo rápido à guerra. Como igualmente se impõe ajudar o povo mártir de Timor a alcançar a sua independência, pondo fim à repressão que a besta fascista da Indonésia continua a exercer sobre ele.

O 25 de Abril faz hoje parte da nossa História e terão de ser as novas gerações a tomar nas suas mãos os destinos de Portugal. Fazendo-o, aproveitando a liberdade e participando na resolução dos seus problemas. Não se pode olhar para o lado, à espera que os outros nos resolvam os nossos problemas. A democracia tem de ser muito mais participada. A sociedade civil tem de ter uma participação maior na decisão e na condução da vida política. Para as suas futuras revoluções, fazemos votos de que tenham, no mínimo, tanto êxito como nós tivemos na nossa.

E, pensando no 25 de Abril, que lhes sirva a lembrança de que, por mais forte que pareça a opressão, por maior que lhes pareça a desigualdade, será sempre possível sonhar, será sempre possível tudo mudar. A História é o povo que a faz, por isso acreditamos que, com a liberdade de Abril, com o reforço dos seus valores e dos seus ideais, será possível resolver os problemas existentes, construir uma sociedade melhor e reencontrar a paz.

Viva o 25 de Abril
Viva Portugal.

25 ANOS DEPOIS...

Opinar sobre os sentimentos do que representou o 25 de Abril de 1974 e tudo o que se viveu e desenvolveu durante este quarto de século na vida deste País e dos portugueses, não é tarefa fácil. Tenho a certeza que cada cidadão terá uma versão diferente, porque diferente foi o seu percurso desde então devido às incidências que o desenrolar da vida e dos acontecimentos lhe determinaram. Por outro lado, os mais jovens terão certamente uma opinião baseada já, noutra perspectiva.

Penso todavia que existem sentimentos gerais de grande consenso, positivos ... porque

VALEU A PENA!

- O 25 de Abril de 1974 foi para os que o viveram e nele participaram um momento histórico e único nas sua vidas.

Para quem tinha vivido durante décadas, cerceado das mais elementares regras de liberdade e democracia, sofrendo os efeitos da censura, da PIDE/DGS, da guerra colonial, de entes queridos e amigos... o 25 de Abril de 1974 foi a EUFORIA DA LIBERTAÇÃO.

O 25 de Abril de 1974 foi a EUFORIA DA LIBERTAÇÃO.

DEPOIS!

Bom! Depois foi a luta pelo desenvolvimento. Foi o trabalho... muito trabalho, árduo e intenso.

Nos campos e aldeias;
Nos centros urbanos;
Nas empresas;
Nos sindicatos;
Nas autarquias ... pelo País fora.

Foi o levar a populações inteiras, o que há muito necessitavam para que pudessem usufruir do mínimo de condições de vida.

O abastecimento de água, a electrificação, o saneamento básico, os caminhos e estradas alcatroadas, as escolas, as creches e infantários, a habitação, a cultura e os equipamentos desportivos, os centros de saúde...

Foi a luta por melhores salários e regalias sociais... foi uma maior participação sindical...

Foi a luta pela consolidação da Democracia e da Liberdade ... arduamente conquistadas.

... ENFIM!!

Quem se atreve, agora, afirmar que isto não foi feito? ... e que não foi fruto de Abril?

Nem sempre bem conseguido, é certo. Nem sempre da melhor maneira, concerteza.

Mas sempre com a convicção que se lutava e trabalhava por um IDEAL:

- o exercício da liberdade!
- a participação directa dos cidadãos na vida pública!
- o direito de protestar... e à indignação!
- a intervenção política, social e cultural...

"IDEAL" que foi trabalhado e desenvolvido tendo em vista a criação de condições para que todos pudessem intervir decisivamente na construção do nosso FUTURO COLECTIVO.

"IDEAL" que foi trabalhado e desenvolvido tendo em vista a criação de condições para que todos pudessem intervir decisivamente na construção do nosso FUTURO COLECTIVO.

Abril esteve assim, nos nossos corações, na nossa alma e nas nossas acções.

É verdade que os últimos anos revelaram alguma passividade e muito conformismo, naturalmente na razão directa duma política que transformou (ou pretende transformar) os cidadãos em meros consumidores e espectadores resignados perante o que se passa à sua volta, resultados duma acção governativa que esvazia a democracia e a soberania nacional e agrava as desigualdades.

Por estas e outras razões, ou porque a memória é curta?! muita gente tem sido e é ainda muito ingrata para com a Revolução de Abril, para com os que a fizeram e para muitos outros que nestes 25 anos dedicaram um quarto de século das suas vidas, pelo país, pelos seus municípios e pelos seus concidadãos...

Mas quererá isto dizer que o 25 de Abril é o responsável por estas atitudes e comportamentos?

Que o 25 de Abril não valeu a pena porque ainda há bolsas de miséria, gente que não tem escola, habitação, trabalho...? Não!!! porque...

VALEU A PENA O 25 DE ABRIL...

Porque nunca mais devemos esquecer 48 anos de ditadura que provocou:

- a supressão das liberdades de expressão, reunião e de associação...
- a censura e repressão policial;
- perseguições, torturas... e prisões;
- 13 anos de guerra colonial;
- O obscurantismo social e cultural:
- Uma feroz exploração dos trabalhadores e de atraso económico.

Por tudo isto, que viva Abril, apesar de tudo!

A confiança no FUTURO, está nas nossas mãos. Sobretudo nas dos JOVENS e na vontade colectiva, retomando a génese ideal do projecto libertador do 25 de Abril de 1974.

Lutando por uma outra política assente nos verdadeiros valores do povo:

- A cidadania activa;
- O respeito e valorização de quem trabalha;
- Por uma distribuição mais justa da riqueza produzida;
- Por mais democracia e justiça social!

25 ANOS DEPOIS...

A confiança no FUTURO, está nas nossas mãos. Sobretudo nas dos JOVENS e na vontade colectiva, retomando a génese ideal do projecto libertador do 25 de Abril de 1974.

...celebrar a Revolução dos Cravos e pois não apenas um direito mas sobretudo um dever para com todos e com tudo, que contribuiram para a viragem redentora... deste século, em Portugal.

- Foi bom ter nascido para ver e participar ABRIL!

- É bom viver para continuar... ABRIL

Ezequiel Lino

- Foi bom ter nascido para ver e participar ABRIL!
- É bom viver para continuar... ABRIL

GRÂNDOLA VILA MORENA

O município de Grândola vila a que, pela canção de referência de Zeca Afonso, ficará para sempre ligada ao 25 de Abril, quis assinalar o XXV Aniversário da Revolução dos Cravos, oferecendo o tradicional jantar de convívio da A25A, que juntou mais de um milhar de sócios, apoiantes e amigos da Associação, num ambiente próprio de acolhedora "terra da fraternidade".

"Ilude-se quem pensa que a juventude não adere aos valores do 25 de Abril"

Na mesma oportunidade e antes do jantar-convívio, inaugurou, solenemente, com a presença maciça dos seus munícipes, um grande "Memorial ao 25 de Abril", num amplo espaço à entrada da vila, obra assinada por Bartolomeu Cid dos Santos, um dos maiores artistas plásticos portugueses com nome universalmente consagrado.

"No acto da inauguração do Memorial, Bartolomeu Cid dos Santos, entre Vasco Lourenço e Vitor Alves. À direita de Vitor Crespo, o presidente da Câmara Municipal de Grândola"

O memorial, constituído no tradicional azulejo português, tem, na sua face principal, acolhendo num côncavo harmonioso quem o olha, uma grande medalha ao centro com um cravo azul – uma das cores tradicionais do azulejo português – envolvido por dois amplos painéis reproduzindo o poema e a melodia da canção "Grândola Vila Morena". Na superfície convexa, virada para a retaguarda, ladeando um sol exuberante ao centro, o autor reproduziu o texto integral da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que norteou a Revolução de Abril, e cujos 50 anos se cumpriram no ano passado, em que o Memorial começou a ser construído.

"A partir de agora, quem entre em Grândola, recebe de imediato este estimulante convite: dá mais força à liberdade

À Câmara Municipal de Grândola, ao seu presidente e ao seu "povo que é quem mais ordena", não é demais reiterar a gratidão por esta forma tão original e tão carregada de simbolismo, de comemorar as bodas de prata do reencontro com a liberdade.

PPC

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XXV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

AMIGOS DO 25 DE ABRIL RIBEIRA DE SANTARÉM – (Convívio)
ANCORENSUS – COOPERATIVA DE ENSINO – (Debate)
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DA APELAÇÃO – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE FORTE DA CASA – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE LARANJEIRO – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE MOSCAVIDE – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DOS ANJOS – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ – (Cerimónias Comemorativas)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CAMPÊLO –FIGUERÓ DOS VINHOS – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA – (Sessão Solene)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MOIMENTA DA BEIRA – (Debate)
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE REGUENGOS DE MONSARAZ – (Sessão Solene)
ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CIDADE DE ALMADA – (Debate)
ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DESPORTIVA PORTUGUESA DE AUBERVILLIERS –PARIS – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE MUNICIPIOS DO DISTRITO DE ÉVORA – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE PAIS DA ESCOLA EB 2,3 DE AGUADA DE CIMA – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO MÁRIO DE SÁ CARNEIRO – CAMARATE – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA RAMADA - (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DOS ALUNOS DA ESC.ROQUE GAMEIRO – (Debate)
ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS – ALMADA – (Sessão Comemorativa)
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS MILITARIZADOS DE GUERRA – (Convívio)
BIBLIOTECA MUNICIPAL DA TAPADA DAS MERCÊS - (Debate)
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE S. LÁZARO – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ALBUFEIRA – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER – (Sessão Comemorativa/ Feira Infantil)
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA – (Cerimónias Comemorativas/ Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ARGANIL – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA - (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE – (Sessão Comemorativa)
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR – (Sessão Comemorativa)
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS – (Cascais-Jovem 2000/Debates)
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE PAIVA – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE – (Cerimónias Comemorativas)
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO MARIM – (Cerimónias Comemorativas)
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ELVAS – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ENTRONCAMENTO - (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA – (Exposição/ Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE FARO – (Cerimónias Comemorativas)
CAMARA MUNICIPAL DE LOULE – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURINHÃ – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE LOUSÃ – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE MARINHA GRANDE – (Debate)
CAMARA MUNICIPAL DE MERTOLA – (Sessão Comemorativa)
CAMARA MUNICIPAL DE MOITA – (Debate)
CAMARA MUNICIPAL DE MORA – (Convívio)
CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO - (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE REGUENGOS DE MONSARAZ – (Descerramento De Placa Toponímica)
CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS – (Debate)
CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE SETUBAL – (Sessão Solene)
CÂMARA MUNICIPAL DE SINES – (SESSÃO COMEMORATIVA)
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA – (Cerimónias Comemorativas)
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – (Sessão Comemorativa)
CASA-MUSEU MESTRE JOÃO DA SILVA - (Inauguração De Exposição)
CASA PIA DE LISBOA – (ALMOÇO/ DEBATE)
CENTRO CIVICO-CULTURAL E SOCIAL RIBEIRA SECA – MADEIRA – (Debate)
CENTRO CULTURAL DO ALTO MINHO – V. DO CASTELO – (Debate)
CENTRO REPUBLICANO E DEMOCRÁTICO DE FANZERES – GONDOMAR – (Debate/Convívio)
CIVIS – ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE CIDADANIA – FARO – (Debate)
CLUBE INTERNACIONAL DE PRENSA – (Debate)
CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA – (Convívio)
CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA – (Convívio)
CLUBE RECREATIVO DESPORTIVO ARMADORENSE – (Convívio)
COMISSÃO CONCELHIA DE SEIA DO P. C. P. – (Convívio)
COMISSÃO DE APOIO ÀS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL TORRES NOVAS – (Debate)
COMISSÃO DE TRABALHADORES DA C. G. DEPÓSITOS – (Convívio)
COMISSÃO DE TRABALHADORES DO BANCO DE PORTUGAL – (Debate)
COMISSÃO DE TRABALHADORES DO METROPOLITANO DE LISBOA – (Convívio/ Debate)
COMISSÃO DE TRABALHADORES DOS SEGUROS - (Convívio)
COMISSÃO DE TRABALHADORES, GRUPO DESPORTIVO E UM GRUPO DE TRABALHADORES DA IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA – (Sessão Comemorativa)
COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL – GUARDA – (Convívio)
COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES NO SEIXAL – (Debate)
CONSULADO GERAL DE PORTUGAL EM GENEBRA - (Sessão Solene)
EDITORIAL CAMINHO – (Debate)
EMBAIXADA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE – (Colóquio)
ESCADOTE CULTURAL – CONSULTORES DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS – (Homenagem a H. Mourato)
ESCOLA EB 2,3 FERREIRA DE CASTRO – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA S. JOÃO DA TALHA – SACAVÉM – (Debate)
ESCOLA 2+3 DE TELHEIRAS – (Debate)
ESCOLA 2º E 3º CICLOS ENSINO BÁSICO JOSÉ RÉGIO – PORTALEGRE – (Debate)
ESCOLA BASICA 2, 3 - JULIO SAUL DIAS - VILA DO CONDE - (Debate)
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DO REDONDO – (Debate)
ESCOLA BÁSICA 2+3 DE MARVILA – (Debate)
ESCOLA BÁSICA 2º 3º CICLOS PAULO DA GAMA - AMORA - (Debate)
ESCOLA BASICA 2º E 3º CICLOS DA TRAFARIA – (Debate)
ESCOLA BÁSICA DE VILA PRAIA DE ANCORA – (Debate)
ESCOLA BASICA DO 2º E 3º CICLOS FREI CAETANO BRANDÃO - (Debate)
ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE OURÉM – (Debate)
ESCOLA C+S DE ALMEIDA GARRETT – ALFRAGIDE – (Sessão Comemorativa)
ESCOLA C+S DE AMDEU GAUDÊNCIO – NAZARE – (Debate)
ESCOLA C+S DE MANGUALDE – (Debate)
ESCOLA C+S DE MERTOLA – (Debate)
ESCOLA C+S EUGENIO DOS SANTOS – LISBOA – (Debate)
ESCOLA C+S P.E. LOBATO – SEIXAL – (Debate)
ESCOLA C+S SARRAZOLA – (Debate)
ESCOLA DA VOZ DO OPERÁRIO – (Debate)
ESCOLA DE CHELAS – (Debate)
ESCOLA DO DESPORTIVO DA C. DA PIEDADE/ SFUAP – (Debate)
ESCOLA DOS 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO MOUZINHO DA SILVEIRA - (Debate)
ESCOLA EB 2 E 3 DE TELHEIRAS – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DA COSTA DA CAPARICA – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DA MARIA VELEDA - ST.º ANT.º CAVALEIROS – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DE MANTEIGAS - (Debate)

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XXIV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL *(Continuação)*

ESCOLA EB 2, 3 DE SEVER DO VOUGA - (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 JOSE GOMES FERREIRA – FERREIRA DO ALENTEJO – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DA ARROJA – ODIVELAS – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DA QUINT DE MARROCOS – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DO CARTAXO - (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DOMINGOS JARDO – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DR. RUY BELO – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 MESTRE DOMINGOS SARAIVA – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 PADRE ALBERTO NETO – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 PROF. AGOSTINHO DA SILVA – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 RAINHA D. LEONOR – (Debate)
ESCOLA EB 2, 3 DE ALAPRAIA – (Debate)
ESCOLA EVARISTO NOGUEIRA - (Debate)
ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA D. DINIS – PAIÃ – (Debate)
ESCOLA PROFISSIONAL BENTO DE JESUS CARAÇA – ÉVORA – (Inauguração de Exposição)
ESCOLA SECUNDÁRIA DO BOMBARRAL - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA ALBERTO SAMPAIO - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA AQUILINO RIBEIRO - OEIRAS - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA BRAANCAMP FREIRE – (DEBATE)
ESCOLA SECUNDARIA C/ 3º CICLO DE ROMEU CORREIA – FEIJÓ – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DA FALAGUEIRA – AMADORA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DA MEALHADA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DA QTA. FLORES – COIMBRA– (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DAS OLAIAS – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALCANENA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE AMATO LUSITANO – CASTELO BRANCO – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE AMORA – (Inauguração de Exposição)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE BARROSELOS – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE EÇA DE QUEIRÓZ - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE JAIME MONIZ - MADEIRA - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE LEAL DA CAMARA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE LINDA-A-VELHA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE MORA - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE PONTE DE LIMA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE S. LOURENÇO – PORTALEGRE - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE S.LOURENÇO – PORTALEGRE – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE SEVERIM DE FARIA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE VIANA DO CASTELO – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE VILA NOVA DE PAIVA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DE VILA PRAIA DE ÂNCORA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA DO PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS – (Projecção dos filmes "Liberdade" e "25 Abril" produzidos pelos alunos da Escola)
ESCOLA SECUNDÁRIA E. NAVARRO – VISEU – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA FELISMINA ALCNTARA - MANGUALDE - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA FERNANDO NAMORA - AMADORA - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA IBN MUCANA – ALCABIDECHE – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA – COIMBRA – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA JOSÉ AFONSO – LOURES – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA JÚLIO DANTAS – LAGOS – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA JÚLIO DINIS -OVAR – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA MEM MARTINS – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA MONTE DA OLA – VIANA DO CASTELO - (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA POETA JOAQUIM SERRA – MONTIJO – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA – OEIRAS – (Debate)
ESCOLA SECUNDÁRIA VIRGILIO FERREIRA – (DEBATE)
ESCOLA SECUNDÁRIS JOSE GOMES FERREIRA – (Debate)
ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM – VISEU – (Debate)
EXTERNATO COOPERATIVO DA BENEDITA – (Debate)
FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE HOTELARIA E TURISMO DE PORTUGAL – (Debate)
FERLAP – ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS – (Debate)
FORUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA - BIBLIOTECA CENTRAL – (Debate)
GRÉMIO DE INSTRUÇÃO IBERAL DE C. DE OURIQUE – (Debate)
GRUPO PARLAMENTAR DO PCP – (Debate C/ Universitários Alemães)
HOSPITAL DE S. JOSÉ - (Exposição/ Debate)
INSTITUTO POLITECNICO DE SANTAREM – ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – (Debate)
INSTITUTO PROFISSIONAL DE TRANSPORTES - LOURES - (Debate)
INTER – REFORMADOS /LISBOA – (Debate/Convívio)
JUNTA DE FREGUESIA DA AJUDA - (Inauguração de Exposição/Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DA AMEIXOEIRA – (Sessão Comemorativa)
JUNTA DE FREGUESIA DA APELAÇÃO - (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DA GLÓRIA DO RIBATEJO – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DA PONTINHA – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DA SOBREDA - (Júri do Concurso " 25 de Abril o que é ")
JUNTA DE FREGUESIA DA TOCHA – (Debates)
JUNTA DE FREGUESIA DA TRAFARIA – (Exposição / Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA – (Homenagem a 25 militares)
JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA – (Convívio)
JUNTA DE FREGUESIA DE ALDEIA DO CABO - FUNDÃO – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE ALHANDRA – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE ASSUMAR – (Colóquio/Exposição)
JUNTA DE FREGUESIA DE BENFICA – (DEBATE)
JUNTA DE FREGUESIA DE CACILHAS – (Júri do Concurso " Um olhar jovem sobre o 25 de Abril ")
JUNTA DE FREGUESIA DE CALDAS DA RAINHA – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE COLARES – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE FAMÕES – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE LARANJEIRO – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE MONTARGIL – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE PAÇO DE ARCOS – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE PINHAL NOVO – (Sessão Comemorativa)
JUNTA DE FREGUESIA DE S. DOMINGOS DE BENFICA – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DE S. LOURENÇO – AZEITÃO – (Convívio)
JUNTA DE FREGUESIA DE SALÉ – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA BÁRBARA DE NEXE – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA CATARINA – (Convívio)
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO DO CACEM – (Convívio)
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL - (Inauguração De Exposição)
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTOS – O-VELHO – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE SERRA DE EL-REI – (Oferta de uma peça alusiva á Revolução de Abril)
JUNTA DE FREGUESIA DE ST° IRIA DA AZOIA – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE TRIANA – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DE VIALONGA – (Debates)
JUNTA DE FREGUESIA DO LAVRADIO – (Sessão Solene)
JUNTA DE FREGUESIA DO PARCHAL – ESTOMBAR – (Debate)
JUNTA DE FREGUESIA DO SADO – SETÚBAL – (Cerimónias Comemorativas)
JUNTA DE FREGUESIA DOS PRAZERES – (Sessão Solene)
LES AMIS DU 25 ABRIL - LUXEMBURGO - ((Debate)
MURPI – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE REFORMADOS, PENSIONISTAS E IDOSOS – (Convívio)
MUSEU MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO – (Debate)
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO DA A25A – (Debate)
NUCLEO DO ENSINO DE PORTUGUES NO ESTRANGEIRO – COORDENAÇÃO DO ENSINO - E.U.A - (Cerimónias Comemorativas)
NUCLEO DO ENSINO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO - COORDENAÇÃO DO ENSINO - E.U.A. - (Cerimónias Comemorativas)
ORIGENS - COOPERATIVA CULTURAL - C. DA PIEDADE – (Debate)
PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA – FEIRA DO LIVRO – (Colóquio)
PARTIDO SOCIALISTA DE ÉVORA – (Debate/ Exposição)
RADIO BAIA – SEIXAL – (Debate)
RADIOPARISLISBOA – (Debate)
SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA DE OVAR – (Debate)
SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMERCIO ESCRITÓRIOS E SERVIÇOS DE PORTUGAL – (Debate)
SINDICATO NACIONAL DOS TRAB. DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL/COM. SIND. DA C.M. AMADORA – (Convívio)
SINDICATO NACIONAL DOS TRB.DA ADMINISTRAÇÃOLOCAL / COM. SINDICAIS DA C.M. SINTRA – (Convívio)
SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTISTICA PIEDENSE – (Concerto)
UNIÃO DOS SINDICATOS DE CASTELO BRANCO – (Convívio)

CEDÊNCIA DE MATERIAL PARA EXPOSIÇÕES NAS COMEMORAÇÕES DO XXV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

AGENDA TURISTICA COIMBRA VIVA
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CÁVADO
ALIPIO DE MELO - GOUVEIA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MOIMENTA DA BEIRA
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DIREITO DE LISBOA
ASSOC. CULTURAL AMIGOS DO PALÁCIO DA JUSTIÇA DE SETÚBAL
ASSOC. CULTURAL E DE DESENVOLVIMENTO DE PENAMACOR
ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE
ASSOCIAÇÃO DE JOVENS DE ARROUQUELAS – H2O
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA DO 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BASICO MÁRIO DE SÁ CARNEIRO - CAMARATE
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS - VISEU
ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES INTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁCER DO SAL
CÂMARA MUNICIPAL DE ALVAIÁZERES
CÂMARA MUNICIPAL DE ARRAIOLOS
CÂMARA MUNICIPAL DE ARRONCHES
CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO MARIM
CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE
CÂMARA MUNICIPAL DE CELORICO DA BEIRA
CÂMARA MUNICIPAL DE ELVAS
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL DE MARINHA GRANDE
CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO
CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA
CÂMARA MUNICIPAL DE PENALVA DO CASTELO
CÂMARA MUNICIPAL DE PENAMACOR
CÂMARA MUNICIPAL DE PINHEL
CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO
CASA DOS RAPAZES – INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL
CASA PIA DE LISBOA - COLÉGIO D. MARIA
CLUBE RECREATIVO BARROQUENSE
COMISSÃO DE PAIS DA ESCOLA PORTUGUESA DE HAIA – HOLANDA
COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL - ALMEIDA
COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL – GUARDA
CORDENAÇÃO DO ENSINO DE PORTUGUÊS JUNTO AO CONSULADO DE PORTUGAL NO REINO UNIDO
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – NÚCLEO DO ENSINO PORTUGUÊS EM FRANÇA
DIDÁXIS - SOCIEDADE COOPERATIVA DE ENSINO, CONSUMO E HABITAÇÃO – V.N. FAMALICÃO
EPRAL - ESCOLA PROFISSIONAL DA REGIÃO ALENTEJO - ÉVORA
ESCOLA 2, 3 ENS. BASICO DR. FERREIRA DA SILVA - CUCUJÃES
ESCOLA 2, 3/S PROF. EGAS MONIZ - AVANCA
ESCOLA BÁSICA 2 - LUISA TODY - SETÚBAL
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE ATAIDE
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE C. DE BOCAGE DE SETUBAL
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE ESTOMBAR
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE VILA DO BISPO
ESCOLA BÁSICA 2, 3 DR. HERNANI CIDADE – REDONDO
ESCOLA BÁSICA 2, 3 JÚLIO SAUL DIAS – VILA DO CONDE
ESCOLA BÁSICA 2, 3/S DE CARRAZEDA DE ANSIÃES
ESCOLA BÁSICA 2,3 DE INÊS DE CASTRO – COIMBRA
ESCOLA BÁSICA 2º E 3º CICLOS DE ILHAVO
ESCOLA BÁSICA 2º E 3º CICLOS DO BOCAGE – SETUBAL
ESCOLA BÁSICA 2º E 3º CICLOS PAULO DA GAMA – AMORA
ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLOS FREI CAETANO BRANDÃO – BRAGA
ESCOLA BÁSICA DO PORTO DA CRUZ - MADEIRA
ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS ANTÓNIO DIAS SIMÕES – OVAR
ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE JOÃO FRANCO – FUNDÃO
ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE JOÃO FRANCO DO FUNDÃO
ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE MANHENTE
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA GARCIA D´ORTA – CASTELO DE VIDE
ESCOLA C+S DE AMADEU GAUDÊNCIO –NAZARÉ
ESCOLA C+S DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY – LISBOA
ESCOLA C+S DE VILA NOVA DE TAZEM
ESCOLA DO 1º CICLO – VIILA FRANCA DE XIRA
ESCOLA DO 2º E 3º CICLOS POETA BERNARDO DE PASSOS – S. BRÁS DE ALPORTEL
ESCOLA DO ENSINO BÁSICO 2 E 3 DA COSTA DA CAPARICA
ESCOLA DOS 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO MOUZINHO DA SILVEIRA – BAIXA DA BANHEIRA
ESCOLA DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES - VALADARES
ESCOLA EB 1 N.º 3 DE QUELUZ
ESCOLA EB 1.2.3. SOPHIA DE MELLO BREYNER - CARNAXIDE
ESCOLA EB 1-2-3 DE BOLIQUEIME
ESCOLA EB 2, 3 D. AFONSO III – FARO
ESCOLA EB 2, 3 DE ARROJA - ODIVELAS
ESCOLA EB 2, 3 DE NELAS
ESCOLA EB 2, 3 DE PRADO - BRAGA
ESCOLA EB 2, 3 DE S. JULIÃO DA TALHA
ESCOLA EB 2, 3 DE SARDOAL
ESCOLA EB 2, 3 DE VIALONGA
ESCOLA EB 2, 3 DO CARTAXO
ESCOLA EB 2, 3 DO FUNDÃO
ESCOLA EB 2, 3 DR. AZEREDO PERDIGÃO - ABRAVESES
ESCOLA EB 2, 3 PADRE ALBERTO NETO - RIO DE MOURO
ESCOLA EB 2, 3 S.JOÃO DE DEUS – MONTEMOR – O – NOVO
ESCOLA EB 2, 3/ES S. SEBASTIÃO –MÉRTOLA
ESCOLA EB 2,3 DE D. PEDRO V – QUELUZ
ESCOLA EB 2,3 DESANTO ANTÓNIO – PAREDE
ESCOLA EB 2. 3 PADRE DONCIANO - ESTARREJA
ESCOLA EB 2. 3 SÁ COUTO – ESPIN HO
ESCOLA EB 2º E 3º CICLOS DE MANTEIGAS
ESCOLA EB N.º 1 DE LAGOS
ESCOLA EVARISTO NOGUEIRA – S. ROMÃO SEIA
ESCOLA LEAL DA CMARA
ESCOLA N.º 1 DE ALENQUER

CEDÊNCIA DE MATERIAL PARA EXPOSIÇÕES NAS COMEMORAÇÕES DO XXV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL *(Continuação)*

ESCOLA N.º 2 DA BRANDOA
ESCOLA PORTUGUESA DE IXELLES – BÉLGICA
ESCOLA PREPARATÓRIA ALMADA NEGREIROS - LISBOA
ESCOLA PREPARATÓRIA DE CARREGAL DO SAL
ESCOLA PREPARATÓRIA DE PINHEL
ESCOLA PROFISSIONAL CENATEX - GUIMARÃES
ESCOLA S/3 DR. JOAQUIM GOMES FERREIRA ALVES – VALADARES
ESCOLA SECUNDÁRIA ABADE DE BAÇAL - BRAGANÇA
ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO ROMEU CORREIA – FEIJÓ
ESCOLA SECUNDÁRIA D. JOÃO V – DAMAIA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE ARCOS DE VALDEVEZ
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DE VIZELA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CASTRO DAIRE
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CORUCHE
ESCOLA SECUNDÁRIA DE D. DINIS - SANTO TIRSO
ESCOLA SECUNDÁRIA DE JAIME MONIZ – MADEIRA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE PAREDES DE COURA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE PONTE DE LIMA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE SEVERIM DE FARIA - ÉVORA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE SILVES
ESCOLA SECUNDÁRIA DE VAGOS
ESCOLA SECUNDÁRIA DO VISO
ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOÃO DE A CORREIA – PESO DA RÉGUA
ESCOLA SECUNDÁRIA JOSE AFONSO - LOURES
ESCOLA SECUNDÁRIA JÚLIO DANTAS – LAGOS
ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL CARGALEIRO – SEIXAL
ESCOLA SECUNDÁRIA MOUZINHO DA SILVEIRA - PORTALEGRE
ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO MACEDO – SANTO ANDRÉ
ESCOLA SECUNDÁRIA POETA JOAQUIM SERRA – MONTIJO
ESCOLA SECUNDÁRIA QUINTA DO MARQUÊS –OEIRAS
ESCOLA SECUNDÁRIA XDE EÇA DE QUEIROZ - LISBOA
ESCOLA TECNOLÓGICA ARTÍSTICA E PROFISSIONAL DE POMBAL
ESTABELECIMENTO PRISIONAL - P. JUDICIÁRIA DE LISBOA
EXTERNATO D. FUAS ROUPINHO
EXTERNATO DELFIM FERREIRA – RIBA D'AVE
GASPAR ALVES FREITAS –ALEMANHA
GRUPO OMNIBUS – UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA – PONTE DE LIMA
INSTITUTO CAMÕES – DEP. DE ESPANHOL E PORTUGUÊS – LONDRES
INSTITUTO CAMÕES NO KING'S COLLEGE –LONDRES
JOSÉ DANIEL MACIDE - AÇORES
JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA
JUNTA DE FREGUESIA DE ALGUEIRÃO –MEM MARTINS
JUNTA DE FREGUESIA DE ALQUERUBIM – ALBERGARIA-A-VELHA
JUNTA DE FREGUESIA DE CASCAIS
JUNTA DE FREGUESIA DE GLÓRIA DO RIBATEJO
JUNTA DE FREGUESIA DE MERELIM – BRAGA
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA CATARINA – LISBOA
JUNTA DE FREGUESIA DE SANTOS - O - VELHO – LISBOA
JUNTA DE FREGUESIA DE SOBREDA
JUNTA DE FREGUESIA DE TRIANA – ALENQUER
JUNTA DE FREGUESIA DO SEIXAL
JUVENTUDE SOCIALISTA - NÚCLEO DE SANTA MARGARIDA
LIVRARIA ARQUIVO - LISBOA
LUÍS FILIPE LOPES
MARTIN SELIGER - ALEMANHA
MUSEU LOCAL DO PICO DA PEDRA
NÚCLEO DO ENSINO DE PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO - E. U. AMÉRICA
O COMÉRCIO DO PORTO – DELEGAÇÃO DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS
OS ARAUTOS E. V. GROB - UMSTADT - ALEMANHA
PARTIDO SOCIALISTA - ÉVORA
PARTIDO SOCIALISTA - OURÉM
RÁDIO ANTENA MINHO
SINDICATO DOS PROFESSORES DA REGIÃO CENTRO - CASTELO BRANCO
SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS IMPOSTOS - LISBOA

MEDALHA DE HONRA

Em 13 de Maio de 1999, dia do Município, a Câmara Municipal de Loulé, agraciou com a Medalha de Honra do Município a Associação 25 de Abril

O presidente da Câmara, Joaquim Vairinhos, fez questão de entregar pessoalmente ao representante da Associação 25 de Abril Franco Charais a condecoração que fica a perpectuar um sinal de comunhão profunda e intima entre o espírito da Associação 25 de Abril e as nobres tradições da cidade de Loulé e do seu concelho.

QUERO GRITAR

- Quero gritar !!!
do ramo mais alto
daquela árvore chamada
sociedade...

- Quero gritar !!!
Liberdade !...Liberdade !...
mesmo que depois
me queiram prender
Quero ser livre
como as aves
que neste céu brilham
livres de estados e ditadores

- Quero gritar !!!
Liberdade !... Liberdade !...

Quantas vezes quiser
sem ser perseguido,
torturado, preso
e até morto!

- Quero gritar !!!
Liberdade !... Liberdade !...
que bom
tudo seria então ...

Dedico este poema a todos aqueles que lutaram pela liberdade e igualdade em Portugal

Henrique Tigo

ACTIVIDADES COMEMORATIVAS DIVERSAS

PROVAS DESPORTIVAS

Muitos milhares de portugueses celebraram o XXV Aniversário do 25 de Abril, participando em provas desportivas. Como é tradicional, colectividades e autarquias dinamizaram estes convívios em que participaram homens e mulheres de todas as idades.

Ora, sendo o desporto uma das formas privilegiadas, adoptadas espontaneamente pelo nosso povo para festejar Abril, a A25A tem vindo a integrá-las nas comemorações oficiais que ela própria leva a efeito.

Este ano, para além da Festa Jovem de que se dá notícia em separado, realizámos a já tradicional ***CORRIDA DA LIBERDADE*** e o ***I DUPLO RAIDE DA LIBERDADE***.

CORRIDA DA LIBERDADE

Teve, simbolicamente as partidas nos locais historicamente ligados à Revolução dos Cravos e chegada comum aos Restauradores.

Com uma participação que foi das mais elevadas de sempre (mais de 3.000 atletas), o tiro de partida do núcleo principal foi dado pelo membro da nossa Direcção João Marques Penha, frente à Porta de Armas do Regimento de Engenharia da Pontinha.

A CORRIDA DA LIBERDADE comemorativa do XXv Aniversário decorreu com o ar alegre e festivo que a tem caracterizado e com a dignidade que os participantes e es-pectadores souberam sempre imprimir-lhe.

CICLOTURISMO

No I Duplo Raide da Liberdade, convívio cicloturístico organizado em conjunto com a Federação Portuguesa de Ciclismo (que comemora este ano o seu I Centenário) e com a Associação de Cicloturismo de Lisboa, participaram 335 cicloturistas, com partida simultânea da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, e da Escola de Sargentos do Exército (antigo R15), das Caldas da Rainha, com junção no Carregado e chegada conjunta à Pontinha. Estas unidades militares, tão vincadamente ligadas a Abril, receberam com galhardia os participantes no Raide e os seus Comandantes e guarnições empenharam-se com eficiência na organização das partidas. Os trajectos corresponderam a reconstituições festivas de percursos históricos percorridos por colunas de soldados com influência decisiva na Revolução.

Sob a orientação técnica do nosso associado Alves Barbosa, o I Duplo Raide da Liberdade, pela forma como decorreu e pela calorosa recepção que teve ao longo dos percursos, cumpriu o objectivo comemorativo.

Manuel Rodrigues

Consulte a nossa *Home-Page* na *net* em

www.25abril.org

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

A CMO quis associar-se às comemorações do XXV Aniversário, agraciando a A25A com uma escultura comemorativa do 25 de Abril. Em nome da Associação esteve presente o nosso sócio fundador Otelo Saraiva de Carvalho. A seguir se transcreve o ofício que o presidente da CMO, doutor Isaltino de Morais, dirigiu ao presidente da A25A.

Actualmente, nas comemorações do "25 de Abril", a Câmara Municipal de Oeiras tem vindo a atribuir galardões comemorativos a ex-autarcas, como forma de referenciar a estreita relação entre o Poder Local Democrático e o Movimento das Forças Armadas de 25 de Abril de 1974.

Comemorando-se no ano em curso, os 25 anos do Movimento das Forças Armadas e porque a génese do Poder Local é, indiscutivelmente, fruto de uma das principais conquistas de Abril - A Democracia e a Liberdade - entendeu a Câmara Municipal de Oeiras, na comemoração da efeméride deste ano, agraciar a Associação 25 de Abril, testemunhando assim o reconhecimento dos autarcas do Município de Oeiras, por todos aqueles que contribuíram para a instauração do 25 de Abril - os Capitães de Abril, e que simbolizamos nessa Associação.

Para receber o galardão, venho convidar V.Exª a estar presente nas Cerimónias Comemorativas que decorrerão neste Município, no Auditório do Edifício da Biblioteca Municipal, sito na urbanização do Moinho das Antas, em Paço de Arcos no próximo dia 25 de Abril, de acordo com Programa em anexo.

Do "Jornal do Algarve" de 22 ABR99 e enviado pelo nosso associado Florival Custódio, com o título "Ao Capitão de Santarém" transcrevemos:

"Daqui, desta promessa de passeio ribeirinho por achar, nesta doce manhã de 25 primaveras, eu celebro a incontida alegria de ser livre. Daqui, desta festiva aldeia de pescadores, marinheiros e toda outra laboriosa gente que faz girar a roda do progresso, eu celebro a amplitude dos laboriosos horizontes abertos por Magalhães que outros ousaram tentar obscurecer.

Daqui, deste sacro terreiro fronteiro ao oceano da esperança, que foi lago de breu na voz destemida do poeta e onde outrora o medo campeou, eu celebro a incomensurável força da palavra liberdade.

Daqui, deste jardim da beira mar, empunhando a espada de Salgueiro Maia e usando do querer de todos os que pelo seu abnegado empenho tornaram possível florir Abril, proclamo o direito a sermos eternamente livres.

Daqui, desta terra mater bendita que nos arrebata e para sempre nos prende, eu te celebro nesse teu etéreo descanso de guerreiro, generoso capitão da liberdade.

Zé Petinga".

SAUDAÇÕES

Por ocasião da pssagem dos 25 anos da liberdade, a A25A recebeu saudações, sob as mais diversas formas.

Junto com o seu registo, aqui ficam os nossos agradecimentos e a nossa retribuição.

Assembleia de Freguesia da Apelação
Assembleia de Freguesia da Damaia
Assembleia de Freguesia da Venda Nova
Assembleia de Freguesia da Charneca da Caparica
Assembleia de Freguesia de Paranhos
Assembleia de Freguesia de Rio da Loba
Assembleia de Freguesia de S. João da Talha
Assembleia de Freguesia de São Lourenço - Azeitão
Assembleia Municipal de Benavente
Assembleia Municipal de Lisboa
Assembleia Municipal de Monchique
Assembleia Municipal de Vila Nova de Famalicão
Associação de Moradores do Bairro da Amadora
Clube de Campismo do Concelho de Almada
Comissão Política Concelhia de Lisboa do Partido Socialista
Governo Regional da Madeira
José Fortes Bouzan – Coronel Infantaria Membro da U.M.D.
Junta de Freguesia de Pereira
Junta de Freguesia de Sta. Catarina
Sindicato dos Funcionários Judiciais

Bridge

Mais uma vez o nosso associado cor. Luís França Galvão foi o dinamizador e principal organizador de um torneio de bridge comemorativo dos 25 anos do 25 de Abril. Desta vez, com a colaboração do associado cor. João Viana.

Realizado em 17 de Abril, nas instalações do SASOC/ /IASFA em Oeiras, teve uma muito razoáve participação (39 pares). Poderá mesmo afirmar-se que, fora dos torneios oficiais/ oficiosos, terá sido dos mais participados em todo o país.

Mais uma vez o nosso associado cmdt. António Pereira Gonçalves se disponibilizou para, como árbitro federado, dirigir o torneio.

Foi uma jornada de convívio, onde se combinaram jogadores mais experientes com outros a iniciar-se nas lides do bridge de competição.

Quanto aos resultados, sempre importantes apesar da natureza do torneio, indicam-se os pares premiados (não acumuláveis).

Classificação Geral

1.° Luís Correia – Jorge Castanheira
2.° Manuela Araújo – Pedro Madeira
3.° Fernando Neves – Carlos Cabrinha

Associados da A25A

1.° Vasco Lourenço – Luís Galvão

Militares

1.° João Viana – José Viana

Senhoras

1.° Adriana Louro – M. Emília Black

EVOCAÇÕES CONSPIRATIVAS

Na sequência da evocação de alguns momentos mais significativos da conspiração que nos levou ao 25 de Abril de 1974, a A25A, em cooperação com a Câmara Municipal de Oeiras, participou em dois eventos comemorativos.

Num, em 24 de Março, evocou-se a reunião em casa do cap. Candeias Valente, militar de Abril de sempre, reunião onde a Comissão Coordenadora do Movimento reuniu pela última vez, em conspiração, definiu as responsabilidades e deu o tiro de partida para o golpe final.

No outro, em 7 de Abril, evocaram-se as muitas reuniões que se efectuaram em três casas (Vítor Alves, Hugo dos Santos e Otelo Saraiva de Carvalho) do bairro de S. Miguel em Oeiras.

Nos dois locais, foram deixadas placas onde se dá notícia desses importantes acontecimentos.

Refira-se que havia sido decidido promover igual iniciativa em casa do Dinis de Almeida, ao Rego em Lisboa, e em casa do Vasco Lourenço, no Estoril. Tal não foi ainda possível, devido a dificuldades com os proprietários dos prédios onde se situam esses apartamentos.

Quanto às duas evocações realizadas, foram feitas intervenções de improviso, nas duas em nome da A25A pelo Vasco Lourenço, na primeira pelo Otelo e na segunda pelo Hugo dos Santos. Em nome da CMO falou o seu presidente, Dr. Isaltino Morais.

Quadras de Abril

É com gosto que transcrevemos, da revista "Querer é Poder", de Abril/99, orgão dos alunos do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, um conjunto de interessantes quadras alusivas ao 25 de Abril, da autoria dos alunos do 6.° ano B e C, criadas no âmbito da disciplina de História, sob a orientação da professora, Dra. Cesaltina Sousa.

A Primavera chegou
E nos cravos a igualdade
Um homem exclamou:
– Viva a liberdade!

Nelson Borga e Vítor Moura

Depois da repressão
Renasce a esperança e a felicidade
Com cravos nas espingardas
Restaurou-se a liberdade!

Guilherme Duarte

Abril soltou a liberdade
Abril soltou a alegria
O povo grita e canta
Comemora-se com euforia.

Ali Abudo e Fábio Sequeira

Em 25 de Abril
Um forte grito se ouvia
– Viva Portugal!
– Viva a democracia!

Hugo Monteiro

Em 25 de Abril
Renasceu a igualdade
E todo o povo saudou
Com um sorriso... a liberdade.

Ricardo Martins

Abril! Liberdade!
É o fim da ditadura.
Renasce a esperança em Portugal.
É abolida a censura.

Pedro sabali

O povo, os militares
Eram todos aos milhares.
Sorria o nosso povo:
– Acabou o estado Novo!

Luís Fernandes

Com os cravos no peito
Com a arma na mão
Tanta gente gritava:
– Enfim, a libertação!

Tiago Correia

– Viva a liberdade!
Gritou o povo de Portugal
Quando acabou a ditadura
E a guerra colonial.

Rui Vitorino

O povo saiu à rua
Para dar vivas à revolução
Alegram-se os corações
Há cravos entre a multidão

Pedro Pereira

CELESTE MARTINS
Madrinha do 25 de Abril

Com a devida vénia, transcrevemos, do jonal "Tempo Livre", do INATEL, parte do interessante texto "A Madrinha do 25 de Abril

A um soldado que queria um cigarro, ofereceu-lhe Celeste Martins, na manhã de 25 de Abril de 1974, um cravo. O militar enfeitou a arma. Foi o baptismo da mais pacífica das revoluções portuguesas.

Baixinha e saltitante, enfiada numa roupa primaveril, cinco centímetros de tacões acrescentados à altura, entra calmamente no edifício Franjinhas, ali na esquina da Castilho. São sete da manhã. No armazém do self-service onde Celeste trabalha, dúzias de cravos vermelhos e brancos aguardam a hora de serem distribuídos pela clientela feminina da casa que naquele dia comemora o seu primeiro aniversário. mas os planos da festa, a oferta de flores às senhoras e do cálice de "Porto" aos cavalheiros, goraram-se. O restaurante à cautela nõ abriu, algo de inusitado acontecia em Lisboa que acordara estremunhada com as notícias do exército na rua e a "Grândola" de Zeca Afonso sempre a passar na rádio, tudo aquilo cheirava a esturro. Ah, os cravos, tanto dinheiro gasto, pelo que o gerente convida os empregados a leva-rem-nos, evitando que definhas-sem amarfanhados no caixote do lixo. Acabam, afinal, gloriosa-mente associados a uma revolu-ção caída do céu.

Abraçada ao seu ramalhão de cravos, Celeste Martins desce de metropolitano até ao Rossio onde estranhos movimentos de tropas anunciam a revolta. O gerente aconselhara o pessoal a ir para casa. Celeste ignora o conselho. Quer saber o que se passa. Sem saber porquê, sente uma alegria inexplicável a invadir-lhe o coração que, feito um louco, pula em ritmo desgovernado. "Os militares pareciam simpáticos. Sorriam para a gente. Um deles pediu-me um cigarro. Eu não tinha cigarros... Dei-lhe um cravo, ele meteu-o no cano da espingarda. Fiquei tão contente... Horas depois já no Largo do Carmo, Celeste distribui os cravos que lhe restam. O sinal propaga-se. Há mais gente à procura de cravos. estava criado o emblema do 25 de Abril de 1974.

Lourdes Féria (Texto) Carlos Gil (Foto)

MANUEL LOPES

Poucos dias depois das datas que mais prezava – o 25 de Abril e o 1.° de maio, em cujas comemorações participou ainda – faleceu Manuel Lopes, destacado dirigente da CGTP-IN e nosso querido associado e companheiro na A25A. Tinha 55 anos de idade.

Este nefasto acontecimento, embora esperado, dada a natureza da sua doença, a todos chocou e comoveu. Foi como se tivéssemos perdido alguém da família. Sentimos a falta da sua amizade, a sua frontalidade e da atitude leal que sempre lhe conhecemos.

Fica-nos o seu exemplo de coragem e de luta incansável em prol dos mais desfavorecidos. Mas fica-nos também na memória o seu vincado apego aos valores mais altos da Humnidade: Liberdade, Igualdade, Democracia e Justiça Social.

Manuel Lopes era um homem de convicções mas que interiorizou, desde muito cedo, a importância estratégica da unidade entre os democratas e, sobretudo, entre os trabalhadores, para a obtenção de objectivos comuns.

A intensa actividade política e social desenvolvida por Manuel Lopes antes do 25 de Abril, fosse na LOC, fosse na CGTP-IN que ajudou a fundar em 1970, fosse no Movimento Democrático Português, permite-nos situá-lo entre aqueles que mais activamente contribuiram para a libertação do povo português do fascismo. Ele ajudou a criar as condições para que o 25 de Abril se desse e saísse vitorioso.

Depois da Revolução, foi um dos oradores no primeiro comício comemorativo do 1.° de Maio. Foi também o primeiro sindicalista a falar na televisão portuguesa no direito à greve.

A sua fidelidade aos valores e ideais de Abril manteve-se inalterável. Em representação da Central Sindical de que era dirigente, Manuel Lopes participou em todas as reuniões preparatórias das comemorações anuais da Revolução Democrática, onde procurou que presidisse sempre um espírito unitário e construtivo em torno dos valores essenciais do 25 de Abril.

Obrigado, Manuel Lopes!

O teu exemplo frutificará.

Daniel Cabrita

NOTÍCIAS DA NOVA SEDE

No dia 20 de Abril teve lugar no edifício da nova sede, uma sessão para assinatura do auto de consignação da obra e para a sua apresentação. Dignou-se estar presente o Sr. Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Eng. António Abreu, bem como outros representantes da mesma Câmara.

Ao acto compareceram também os Administradores da Construtora Abrantina bem como os Administradores da Pengest firma fiscalizadora. A A25A fez-se representar pelo seu Presidente da Assembleia Geral, cor. Fabião, pelo Presidente do Conselho Fiscal, gen. Garcia dos Santos, pelo Presidente da Direcção ten. cor. Vasco Lourenço e por outros membros da Direcção.

Após a assinatura do auto de consignação seguiu-se a apresentação do projecto pelo Arq. Falcão de Campos, depois de ter justificado a ausência do Arq. Siza Vieira. O Eng. Segadães Tavares, responsável pelo projecto da estrutura, seguiu-se-lhe, expondo os aspectos essenciais daquele projecto.

Foi então a altura do Presidente ten. cor. Vasco Lourenço dirigir umas palavras aos presentes depois do que os convidou a assinar o Livro de Obra.

Seguiu-se um almoço de confraternização com todos os presentes.

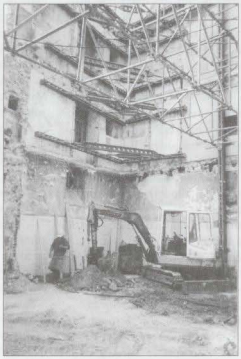
PINTO SOARES

Vereador António Abreu e demais convidados assistindo à exposição sobre a obra.

O Presidente da A25A usando da palavra.

Vereador António Abreu e T. Cor. Vasco Lourenço assinando o Livro de Obra.

Seguiu-se um almoço de confrtaernização.



Aspecto do interior do edifício já demolido e escorado.

UM ACTO DE JUSTIÇA – A ORDEM DA LIBERDADE AOS TARRAFALISTAS

Assinalamos a condecoração com a Ordem da Liberdade - Grau de Comendador – por sua Exa. o Presidente da República dos Sargentos Ajudantes Armindo do Amaral Guimarães, Joaquim de Sousa Teixeira, José Barata, José Neves Amado, Josué Martins Romão e a título póstumo de António Diniz Cabaço que participaram na Revolta de 8 de Setembro de 1936 e que, posteriormente, foram deportados para o Campo de Concentração do Tarrafal.

Apesar de tardio, congratulamo-nos com este acto de justiça e reconhecimento.

No dia 21 de Maio, pp, numa cerimónia pública, na Presidência da República, foram agraciados, por sua Exa. o Presidente da República, com a Ordem da Liberdade, Grau de Comendador, os cinco Marinheiros Tarrafalistas, ainda vivos, que participaram na histórica "Revolta dos Marinheiros" de 8 de Setembro de 1936, sendo posteriormente deportados para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, são eles os, hoje, sargentos-ajudantes: Armindo do Amaral Guimarães, Joaquim de Sousa Teixeira, José Barata, José Neves Amado, Josué Martins Romão e, a título póstumo, António Diniz Cabaço, dado ter falecido posteriormente à data da apresentação da proposta de condecoração pela Comissão Promotora da Homenagem.

Finalmente, estes heróis, em representação de todos os participantes da Revolta do 8 de Setembro de 1936, viram o seu acto de coragem, de solidariedade, e determinação, contra a opressão e injustiça, reconhecido pelo Estado Democrático, através do mais alto magistrado da Nação.

Este acto, foi um momento de grande emoção, e profundo respeito, e que muito sensibilizou e honrou os nossos heróis. Também a Comissão se sentiu honrada por o Sr. Presidente da República ser sensível à sua proposta, e ver desta forma concretizado um dos principais objectivos da Homenagem: O reconhecimento, pelo Estado Democrático, dos Marinheiros protagonistas da Revolta do 8 de Setembro de 1936, nas pessoas dos participantes ainda vivos.

A Comissão, embora tivesse consciência que a reintegração na Marinha, logo após o 25 de Abril, de todos os marinheiros sobreviventes da revolta, já fosse uma assinalável reparação, a tanto mal que lhes foi feito, tinha também a convicção, que o acto heróico, protagonizado por estes jovens marinheiros – que marca indelevelmente a História da Armada, na luta pela liberdade e democracia, contra o estado fascista de Salazar – ainda não tinha tido, por parte da Nação, a devida consideração e o merecido reconhecimento.

Agora, finalmente, estes heróis, em representação de todos os participantes da Revolta do 8 de Setembro de 1936, viram o seu acto de coragem, de solidariedade, e determinação, contra a opressão e injustiça, reconhecido pelo Estado Democrático, através do mais alto magistrado da Nação.

Esta condecoração honra todos os marinheiros e todos os que lutam pela dignidade da Instituição Militar e da Pátria Portuguesa.

Que o seu exemplo seja apontado, como referência, as jovens gerações.

Bem hajam! Marinheiros da Revolta do 8 de Setembro de 1936.

Hoje, podemos também informar que o historiador, Dr. Alexandre Flores, já está a preparar a publicação do livro, sobre a História da Revolta dos Marinheiros do 8 de Setembro de 1936, que é o objectivo que falta concretizar do programa da Comissão Promotora da Homenagem aos Marinheiros Tarrafalistas.

Lisboa, 24 de Maio de 1999

P'Comissão
SAJ Custódio de Jesus

RESSALVAS DO NÚMERO ANTERIOR

– O artigo titulado "Contribuição para a biografia de um militar de eleição" é da autoria do nosso sócio fundador João Menino Vargas;

– Neste mesmo artigo quando se refere o *Comandante Militar de Timor, tenente-coronel Serpa Soares*, leia-se "coronel Serpa Soares";

– O artigo titulado "Pastor Fernandes – Um comentário da sua viúva" é da autoria de Margarida Pastor Fernandes.

Ao Menino Vargas e à Sra. D. Margarida Fernandes as nossas desculpas pelo lapso cometido e que, com esta nota procuramos, ainda que insuficientemente, compensar.

VIDA E MORTE DE UM RESISTENTE

O velho Lino Sentou-se à secretária e leu. Releu e riscou. Escreveu e tornou a riscar, até a madrugada ir avançada, sentado na secretária de pinho velho e caruchoso. Tinha de entregar os textos para a "Voz Sindical" no dia seguinte, na casa de um camarada na clandestinidade. Um dos artigos era acerca de uma comissão de moradores e o outro sobre despedimentos numa conserveira.

Os presos políticos ficavam ali durante dias, com tempo e sem ter nada para fazer, com as horas a arrastarem-se e sem ter para onde olhar, com as mãos vagas e sem um livro, um lápis ou uma folha de papel.

Não eram artigos como os de outros jornais, que se podiam ler na rua à luz do dia. Mas eram, e isso inspirava-o, artigos a salvo do lápis azul dos censores.

Ainda não tinha relido pela última vez as peças para o boletim quando duas pancadas secas se fizeram ouvir na porta de entrada, trancada com um ferrolho. A filha, que costurava para fora roupa de um enxoval, foi cautelosamente ver quem era, com o estômago a desfazer-se de nervos... e voltou com a voz tensa:

- Meu pai, são *eles* outra vez.

Lino caminhou até à porta, sem dar mostras nem de pressa nem de lentidão forçada, nem de ansiedade ou medo. Abriu o postigo da janela por onde entrou uma rajada fria da madrugada e ouviu:

- Senhor Lino, faça o favor de nos acompanhar.

Vestiu um casaco, despediu-se da filha e olhou para a neta que dormia, antes de sair a porta sem resistência, acompanhado dos dois homens vestidos de negro, com chapéus e óculos escuros.

Na manhã seguinte, a filha deixou a menina com uma vizinha e dirigiu-se à Investigação, para onde o pai fora levado. Ia entregar-lhe uma manta axadrezada, para que tivesse as noites mais quentes. Mas a manta só era útil enquanto não o transferiam para Caxias, onde deixava de ser necessária porque não havia noite para dormir. Havia apenas uma sucessão de horas intermináveis debaixo de socos e pontapés, de queimaduras de cigarro e de roupa arrancada aos sacões. Durante meses a filha não conseguia saber nada do pai, nem se ainda estava em Caxias ou sequer se era vivo.

Outras vezes deixavam-na visitá-lo. Tudo variava com a disposição dos agentes.

Quando voltava para casa, o velho Lino nada contava. O que se sabia era pelos outros, que haviam tido a mesma pouca sorte de conhecer as celas do Aljube, de Caxias ou até de Peniche, algumas delas com uns humilhantes dois por dois metros. Os presos políticos ficavam ali durante dias, com tempo e sem ter nada para fazer, com as horas a arrastarem-se e sem ter para onde olhar, com as mãos vagas e sem um livro, um lápis ou uma folha de papel. Esta tortura pode não parecer muito rigorosa, mas quando se está preso só o tempo está demasiado livre. E ali a luta era entre o mínimo de humanidade e o máximo de resistência.

Depois do regresso, Lino já conhecia a peregrinação que o aguardava: tentar voltar a conseguir emprego, coisa que ninguém, nem os melhores amigos, queriam dar a um comunista. A PIDE tinha olho vivo e informadores a cada esquina e todos sabiam o quanto era arriscado e passível de comparações: "Com quem te vejo..."

Geralmente só conseguia alguma coisa nos serviços municipalizados, nos trabalhos mais duros e mal pagos que todos recusavam mas que eram necessários à cidade. Por isso, era vê-lo a calcetar o chão com o sol a torrar-lhe as costas em Agosto, ou a varrer as ruas, vestido com dois casacos, debaixo de chuva e frio nos piores dias do Inverno.

À noite, com os músculos derreados e o espírito inflamado voltava para os escritos e sintonizava na velha telefonia a Rádio Portugal Livre, que transmitia da Argélia, onde fora criada por portugueses fugidos ao Regime e à Guerra Colonial. Quando vinha de ânimos mais exaltados, pedia o gramofone emprestado a um vizinho e ouvia a "Internacional" ou o "Hino da Batalha" sob o terror da filha, sempre com um credo nos lábios:

Um Homem que lutara, pela liberdade, uma luta que ajudou à sua morte.

- Meu pai, olhe que isso se ouve na rua! Ponha mais baixo.

- Estou na minha casa, faço o que eu quero! – como se as dores da tortura não fossem de há uma semana, mas de há tantos anos que já as esquecera.

O velho Lino, a filha e a neta, de 12 anos, constituíam toda a família... mas as mulheres da casa nunca haveriam de ser activistas políticas. E no entanto, existiam mulheres assim, como no Couço, perto de Coruche, onde a sua força era tal que lhes valeu serem das primeiras a sofrer os interrogatódos da PIDE

Inúmeras vezes Lino voltou à Investigação e às prisões da polícia estatal. Nos últimos anos, as suas pernas já não aguentavam as torturas da "estátua" – que obrigavam a pessoa a ficar de pé durante dias – e as varizes rebentavam-lhe sob a pressão, soltando caudais de sangue escuro e deixando feridas nas pernas que levavam meses a cicatrizar.

Mas lá por isso nunca desistiu de encadernar jornais e panfletos clandestinos e de os esconder num tecto falso que fizera na capoeira das galinhas, num canto do quintal, já a contar com o dia em que a PIDE ia irromper portas adentro para revistar a casa. Também insistia nas reuniões de camaradas, que entravam a porta carregados de instrumentos, como quem vai ensaiar partituras para tocar em bailes e casamentos.

Porém, junto com as violas, banjos e concertinas vinham papéis sobre reivindicações do operariado, greves contra os salários irrisórios e queixas de moradores em cujas casas entrava a "cheia" de cada vez que chovia.

No entanto, os músicos tocavam a sério: era forçoso manter as aparências.

A manhã já ia alta e Lino ainda não se levantara, apesar de ter dito à filha, na véspera, que ia acordar às seis horas. Eram quase dez e o silêncio absoluto deixava ouvir uma chuva miudinha, insistente de encontro à vidraça.

Filha e neta dirigiram-se ao quarto, bateram, tornaram a bater... e rodaram a maçaneta devagar. Lino jazia na cama, hirto, com as mãos crispadas e o mesmo ar feroz e altivo que durante anos o governara.

As duas mulheres entreolharam-se, comovidas pela força inexplicável que habitara um corpo tão frágil e gratas pelo justo descanso daquele que fora, sem dúvida, um grande Homem. Um Homem que lutara, pela liberdade, uma luta que ajudou à sua morte.

Mas também um Homem que conseguira resistir durante mais de vinte anos anos e, por fim, vir morrer a casa, longe das mãos dos agentes e guardas prisionais.

Algo que, naquela altura, já podia ser considerado uma grande vitória.

Este texto é dedicado a todos os que lutaram por Abril, mas especialmente a Francisco Lino, o meu rebelde bisavô, pela fé inabalável que depositou na Liberdade.

Helena de Sousa Freitas

O QUE NOS RESTA?

Provavelmente dirão que sou um pessimista exagerado e que a situação geral não é tão desanimadora como eu a considero. Pode ser que tenham razão. No entanto a minha perspectiva global sobre o quarto de século decorrido desde o 25 de Abril de 1974 é bastante negativa e levanta-me, muitas vezes, a amarga questão de saber se terá valido a pena.

Confesso não ter ainda conseguido definir uma resposta correcta e concludente sobre o assunto, possivelmente porque estes recentes 25 anos em pouco correspondem ao que sempre sonhei.

Desejava que Portugal reocupasse, com dignidade e prestígio, o seu devido lugar na comunidade internacional e pudesse, de modo isento e firme, fazer ouvir a sua voz e impor-se ao respeito e a consideração gerais sem sujeições obsessivas e humilhantes.

Ambicionava a instauração de uma transparente democracia interna baseada na ética política, na justiça social, no desenvolvimento harmónico e equilibrado, na solidariedade entre os portugueses e na defesa dos seus verdadeiros valores tradicionais.

Porém a realidade em que temos vivido está em absoluta contradição com os meus desejos e o caminho percorrido mais não tem sido do que uma sucessão amarga de desencantos e de desilusões.

Do ponto de vista externo, passou-se de "orgulhosamente sós" para "subservientemente" acompanhados".

Escolhida a opção correcta pela adesão ao que, na altura, se chamava a Comunidade Económica Europeia, nunca houve depois a coerência, a determinação, a vontade política e a capacidade negocial indispensáveis para evitar o colapso total da nossa agricultura e das nossas pescas e para aproveitar o caudal dos fundos comunitários na estruturação de uma indústria minimamente credível e de bases firmes.

Passou-se de "orgulhosamente sós" para "subservientemente" acompanhados".

nunca houve depois a coerência, a determinação, a vontade política e a capacidade negocial indispensáveis para evitar o colapso total da nossa agricultura e das nossas pescas e para aproveitar o caudal dos fundos comunitários na estruturação de uma indústria minimamente credível e de bases firmes.

Houve, sem dúvida, um notável desenvolvimento de obras públicas, num "pseudo fontismo" que rasgou muitos e novos caminhos mas não reformulou convenientemente as mentalidades. Pelo contrário, a maneira de ser dos portugueses foi-se revestindo, cada vez mais, de valores, conceitos e procedimentos que nada têm a ver com os nossos hábitos. O espírito de competição desenfreada, a ganância, o endeusamento do dinheiro e do poder lançaram-nos numa situação de rastejante americanismo e de galopante consumismo.

Tornámo-nos, assim, num país de enorme e preocupante endividamento individual, em que tudo vale para alardear um nível de vida muito para além das possibilidades reais. Esse foi um dos amargos resultados da nossa pseudo solidariedade internacional e da nossa apatia. A convergência real é um mito e o falso desenvolvimento económico é proclamado na tentativa de ocultar o alargamento do fosso entre ricos e pobres e o carácter fictício de um bem estar de fachada.

Como fundadores da NATO, assistimos impavidamente ao total desaparecimento da sua razão de ser perante a pulverização do tradicional inimigo e, em lugar de aceitarmos a sua lógica dissolução, com subserviente obediência acabámos por admitir a transformação da NATO em estrutura ofensiva e em nova polícia mundial, sem sancionamento e sem mandato da ONU mas exclusivamente ao serviço das fantasias bélico-políticas americanas. A NATO autoproclamou-se fiel da estabilidade mundial e arrogou-se o direito de intervir da forma que entender, onde e quando quiser.

A NATO autoproclamou-se fiel da estabilidade mundial e arrogou-se o direito de intervir da forma que entender, onde e quando quiser.

Tornou-se, assim, desprezível fantoche cujos cordelinhos são exclusivamente manuseados pelos Estados Unidos que, alegando pretensos conceitos humanitários, não hesitaram em desencadear um verdadeiro acto de pirataria com o ataque a um país soberano e independente.

Que diferença há entre as hipotéticas chacinas efectuadas pelos sérvios no Kosovo e aquelas que, por vezes com o apoio americano, tiveram lugar em S. Salvador, na Guatemala, no Chile, na Chechénia, na China, na Indonésia, em Timor, no Ruanda, no Curdistão? Isto para não falar na que os "pobres" kosovares desencadearam contra os sérvios no próprio Kosovo antes destes ripostarem, nos "lapsos" causadores de "danos colaterais" cometidos pela própria NATO ao bombardear hospitais, maternidades,comboios de refugiados, etc., e na utilização de bombas de urânio enfraquecido.

Como membro da Organização, Portugal talvez tivesse dificuldade em encontrar outra alternativa senão embarcar na aventura, já que não houve coragem para seguir o exemplo da Grécia que se recusou a intervir, embora pertencendo à NATO. Mas podia e devia fazê-lo com menor sabujice subserviente e com maior verticalidade.

Que dizer, ainda, das surpreendentes críticas feitas por um ex-Presidente da República e pelo actual Presidente da Assembleia da República que, em lugar de censurarem a inaceitável e tardia explanação pública do Primeiro Ministro, vieram expressar opiniões reveladoras da mais absoluta ignorância das disposições constitucionais, com a agravante de o terem feito durante a ausência do Primeiro Magistrado da Nação?

Também a vergonhosa recusa inicial de colaborar na acção humanitária a desenvolver na Macedónia está em contradição incompreensível com o anterior belicismo e foi justificada com o receio de sofrer baixas, posição profundamente humilhante para as Forças Armadas que assim se vêem qualificadas de cobardia pelo Poder Político sem que as altas Chefias Militares tenham esboçado a mais pequena reacção de protesto. Que é feito do prestígio e do respeito que ganhámos com o 25 de Abril?

No aspecto interno, é pura coincidência qualquer eventual semelhança entre a realidade vivida nestes 25 anos e o que sonhávamos em Abril de 1974. O sistema político de justiça social, de solidariedade, de fraterna igualdade, de ética política, de

O sistema político de justiça social, de solidariedade, de fraterna igualdade, de ética política, de isenção, de responsabilidade, de interesse colectivo que se pretendia estabelecer não se concretizou.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

isenção, de responsabilidade, de interesse colectivo que se pretendia estabelecer não se concretizou.

Depois de o socialismo haver sido metido na gaveta, vivemos um neo-salazarismo mitigado no qual o "sei o que quero e para onde vou" foi substituído por um arrogante "nunca me engano e raramente tenho dúvidas". Veio, em seguida, uma surpreeedente "terceira via para o socialismo" onde nada existe de solidariedade e de fraternidade, na qual se assiste a um acelerado agravamento da divisão social, onde um pseudo-diálogo traduz absolutas incapacidade e incompetência de tomar decisões.

E chega-se ao ponto surpreendente de ver o Chefe da bancada parlamentar socialista defender entusiaticamente o "capitalismo democrático" (jornal "Público" de 98Out08), o que leva a considerar possível a defesa de um "nazismo democrático", de uma "Inquisição democrática" ou de uma "PIDE/DGS democrática".

O país vai-se arrastando numa penosa caminhada para o desconhecido, sem que os seus verdadeiros problemas encontrem solução. A paixão pela Educação mostrou-se totalmente fictícia pois o caos mantém-se inalterável perante a passividade dos responsáveis (??) pelo assunto. A Justiça vive em guerrilha permanente entre os vários feudos, a Economia desacelera, as Finanças derrapam, a segurança individual e colectiva é cada vez menor, as mafias instalam-se e alongam os seus tentáculos, os grandes grupos económicos novamente impõem a sua vontade. Recordem-se os milhões de indemnização pagos a Champalimaud, a entrega da Torralta ao grupo Sonae, a chocante e esteticamente inaceitável urbanização "tipo Manhattan", da Margueira, oferecida aos Melos, etc....

A bandalheira política é geral, os interesses pessoais ou de Partido impõem-se aos interesses nacionais, vale tudo para alcançar e manter o poder

A crise interna também atingiu profundamente a classe militar. Mesmo tendo restituído a Liberdade, as Forças Armadas concitaram o rancor dos políticos, claramente visível na forma acintosa e apressada como foi extinto o Conselho da Revolução, em 1982. Como frisei em anterior artigo, tem vindo a ser executada minuciosamente a desagregação das Forças Armadas, a eliminação do seu espírito de corpo e da sua ética profissional com a cumplicidade das Chefias militares e daqueles que mais se arrogam de depositários dos valores tradicionais.

A recente divulgação, pelo então Ministro da Defesa, dos nomes e actividades dos agentes do Serviço de Informações Estratégicas e de Defesa Militar constitui um amargo exemplo do estado de irresponsabilidade e incompetência que agora norteia a organização militar.

A recente divulgação, pelo então Ministro da Defesa, dos nomes e actividades dos agentes do Serviço de Informações Estratégicas e de Defesa Militar constitui um amargo exemplo do estado de irresponsabilidade e incompetência que agora norteia a organização militar e é um episódio anedótico e ridículo que atinge gravemente a sua honorabilidade.

Uma das características dos últimos 25 anos tem sido o progressivo branqueamento dos factos e das realidades. Não será exagerado ou incoerente afirmar que essas tentativas de branqueamento se iniciaram na própria noite de 25 para 26 de Abril de 1974 quando, em reunião havida no Regimento de Engenharia 1 entre a Junta de Salvação Nacional e oficiais do Movimento das Forças Armadas, o então General Spínola defendeu calorosamente a manutenção da PIDE/DGS (para a qual havia escolhido novo Director) e impôs alterações importantes ao programa do M.F.A. que já conhecia e aceitara, chegando a dizer que ele não servia para nada por haver sido feito por militares e que iria encarregar políticos da sua confiança de elaborar um novo Programa. E a situação só acalmou quando lhe foi dito que, sendo assim, então a Revolução não acabara e que se ia continuá-la pois os carros de combate ainda estavam à porta do Regimento.

Igualmente se verificou o branqueamento da atitude dos Partidos políticos perante a descolonização. Uns mais do que outros, continuam a culpar o M.F.A. pela forma como ela decorreu.

Também se branqueou a vergonhosa cumplicidade que a guerra colonial criou entra as Forças Armadas e a PIDE/DGS e que levou às suavíssimas condenações impostas aos pides pelos Tribunais Militares, às pensões por serviços extraordinários e distintos atribuídas a pides pelo Supremo Tribunal Militar e à decisão deste mesmo Tribunal de considerar prescrita a irrisória pena de 8 anos de prisão a que fora condenado Rosa Casaco, o chefe da quadrilha que assassinou o General Humberto Delgado e a sua Secretária!!

Também os massacres cometidos por militares durante a guerra colonial se dissiparam sem qualquer procedimento criminal, no reconhecimento implícito de que esses comportamentos estavam de acordo com a proclamada defesa da civilização cristã. Seria mesmo assim?

Igualmente se verificou o branqueamento da atitude dos Partidos políticos perante a descolonização. Uns mais do que outros, continuam a culpar o M.F.A. pela forma como ela decorreu. Mas é conveniente que se saiba que todos eles, sem excepção, declararam que o assunto era com os militares e, como entidades colectivas, recusaram qualquer colaboração. Aliás, esta atitude foi idêntica à da ONU onde mesmo os paises mais acérrimos defensores da independência das colónias se apressaram a esclarecer que o problema dizia exclusivamente respeito a Portugal.

Branquearam-se, ainda, a actuação da rede incendiária de 1975, as mortes provocadas pelas bombas do MDLP e a inequívoca responsabilidade, pelo menos moral, que o General Spínola, o Comandante Alpoim Calvão e outros têm nessas mortes, o mesmo acontecendo com as burlas dos fundos comunitários e das viagens de deputados e suas famílias, com o caso da Autodril e outros semelhantes. Tudo é rapidamente arquivado e esquecido. Se foi aceite o branqueamento político do Prof. Dr Veiga Simão, por que razão se reage perante a afirmação surpreendente de que o Prof Dr. Oliveira Salazar era anti-fascista? De facto, em termos de rigor histórico, o salazarismo pode não ser considerado como um regime fascista mas é inaceitável apresentar o ditador como anti-fascista, embora tudo aconteça conforme as conveniências de interesses.

Mas esta onda branqueadora não será um exclusivo nacional pois está em curso o processo de canonização de Pio XII, chegando-se a afirmar para isso que ele apoiou uma tentativa de assassinato de Hitler. Além de não se poder aceitar que o representante de Jesus Cristo tenha apoiado um crime de morte, não é possível esquecer que (talvez por haver sido Núncio Apostólico em Berlim mas certamente devido a um anticomunismo primário e feroz) o Papa Pio XII nunca se pronunciou publicamente contra os campos de

(Continua na página seguinte)

"A GUERRA NA YUGOSLÁVIA, CONTADA A CRIANÇAS"

"A guerra é um inferno"
General Sherman

I- Introdução

Há uns dois anos, escrevi um trabalho de estratégia para os Anais do C.M.N.(1) com base numa análise sistémica global, apoiada em dados e depoimentos diversos.

As conclusões desse escrito apontavam para o aumento assustador dos níveis de insegurança mundial o que, à data, passava na revessa da corrente dominante, ainda eufórica com fenómenos de 85-91. O artigo foi, pois, considerado pessimista, tendencioso, nostálgico e, ao apelar para os que se perfilavam com o espirito de Helsínquia e os que se reclamavam dos valores do Vaticano II, contra o inevitável embate que se avizinhava, deve ter havido mesmo alguns sorrisos de comiseração. É que "as guerras tinham acabado". Agora, "crises", havia...

Neste último ano, foi-se tornando mais claro que um verdadeiro sismo se aproximava, pela via do financeiro, primeiro, e não para todos; depois, de forma gradativa conceptual, até à tal outra "forma de projectar a política." E, então, as preocupações estratégicas, entre nós, transbordaram dos nichos em que tradicionalmente se estudam, para alguns políticos e pensadores. Quando, em 24 de Março, começaram os bombardeamentos, as "opiniões públicas" estremeceram, os políticos que sabiam da decisão constataram, e os que entenderam o profundo alarme de tal violência certamente entristeceram de raiva.

Quando, em 24 de Março, começaram os bombardeamentos, as "opiniões públicas" estremeceram, os políticos que sabiam da decisão constataram, e os que entenderam o profundo alarme de tal violência certamente entristeceram de raiva.

II - Da crise bélica

Os ataques militares maciços contra a Federação Yugoslava, na chamada "crise de média intensidade do Kosovo", tem constituído, a exemplo da guerra do Golfo, um manancial de contra-informação e desinformação, mesmo de propaganda, aliás, apercebido pelos próprios "opinion makers", os quais, precavidos pelas artimanhas, logros e funis em que se "afundaram" naquela guerra, inovaram para a "a notícia a confirmar", como forma de "passar a ponte".

Por me sentir frustrado por tal quadro, comecei, desde logo e de novo, a sintonizar rádios e Tvs estrangeiras para ter a perspectiva completa. E tive várias surpresas interessantes, depois e uma semana de "politicamente correcto", embora com interrogações criticas intermitentes.

Imaginem o que é, a poucos dias da intervenção, ouvir um professor de Direito Internacional americano considerar haver fundamento jurídico para colocar um processo jurídico, no Tribunal Internacional de Haia, contra a NATO (CNN), ver algumas imagens e declarações de responsáveis da Yugoslávia (TV5) ou ouvir as declarações pós ataque, de Al Gore, esclarecendo a propósito da guerra (CNN).

Não falando, mais tarde, da transmissão em directo, integral e sem interrupção, de uma reunião do Conselho de Segurança sobre o Kosovo (SKY).

Apesar de tudo, diferentes... (2)

Nesta pesquisa de informação, no campo histórico, encontrei na Biblioteca Nacional, um opúsculo precioso, datado de 1916, intitulado "A INGLATERRA E A GUERRA"- manual para crianças" (3), justamente sobre início da 1ª GG, o qual não resisto à tentação de transcrever, no essencial e adaptação da ortografia. A quem interessar e... sem ofensa.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

concentração e o holocausto judeu e, pelo contrário , no final da guerra montou (através de organizações católicas eclesiáticas e leigas) uma perfeita rede de fuga através da qual muitos criminosos de guerra se escaparam para a América do Sul.

Não há dúvida, portanto, de que Pio XII reúne todas as condições necessárias e suficientes para ser canonizado. Aliás os branqueamentos da Igreja Católica são tradicionais e todos nos lembramos ainda do que sucedeu com o assassinato do Papa João Paulo I.

A minha visão pessimista é ainda agravada pela forma amorfa e apática como, a nível nacional, foram comemorados os 25 anos do 25 de Abril. As Autarquias e as organizações populares desenvolveram uma acção de notável brilhantismo mas, em meu entender, o mesmo não se poderá dizer da Comissão Nacional das Comemorações cuja actividade específica passou despercebida, salvo na ridícula abertura ao público da residência do Primeiro Ministro como se isso tivesse algo a ver com o 25 de Abril..

E não se esqueça que nem houve, ao menos, a preocupação de reparar injustiças cometidas com a não concessão da Ordem da Liberdade a militares que tiveram acção importante no 25 de Abril como, por exemplo, foi o caso do então Major Fontão e do então Capitão Máximo.

E não se deve esquecer o notável trabalho de reconstituição histórica efectuado pela SIC que, embora com alguns erros de pormenor, constitui um documento brilhante.

A própria Associação também terá primado pela tacanhez nas suas realizações, limitando-se quase aos actos tradicionais de todos os anos. Apenas as Forças Armadas concederam a devida notariedade às comemorações, o que não deixa de ser surpreendente. E não se deve esquecer o notável trabalho de reconstituição histórica efectuado pela SIC que, embora com alguns erros de pormenor, constitui um documento brilhante.

De tudo isto ficou-me a ideia de que pouco ou nada foi feito e de que as classes dirigentes não estão minimamente interessadas nos valores e princípios que procurámos instaurar com o 25 de Abril mas, sim, nos seus esquemas particulares de interesses. Por isso me surge novamente a inevitável pergunta: Terá valido a pena?

A dúvida na resposta mantém-se. Mas pensando que, pelo menos, ainda nos restam a Liberdade e o Poder Local talvez consiga chegar à conclusão de que valeu a pena, embora a desilusão seja enorme.

Nuno Fisher Lopes Pires

Pensando que, pelo menos, ainda nos restam a Liberdade e o Poder Local talvez consiga chegar à conclusão de que valeu a pena.

(Continuação da página anterior)

III - A guerra da Yugoslávia, contada a crianças

"As crianças sabem como, às vezes, estando sol a brilhar, ouve-se de repente estalar o trovão.

Na Inglaterra ninguém desejava a guerra..."Porque "perguntavam elas (as crianças), os "homens se matavam uns aos outros? Porque as brigas entre nações, como entre os homens, não se atalham por meios pacíficos?"

E como veio a guerra ?

"Porque" perguntavam elas (as crianças), os "homens se matavam uns aos outros? Porque as brigas entre nações, como entre os homens, não se atalham por meios pacíficos?"

"Porque" perguntavam elas (as crianças), os "homens se matavam uns aos outros? Porque as brigas entre nações, como entre os homens, não se atalham por meios pacíficos?"

Em 28 de Junho de 1914 o arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do trono austríaco, foi trucidado, com a sua esposa, quando passeavam em carro pelas ruas de Serajevo, capital da Bósnia, país pertencente à Áustria. O mundo inteiro ficou horrorizado pelo vergonhoso assassinato, e todos tinham pena do velho imperador austríaco e do seu povo. Os assassinos foram presos, por certo eles iam ser punidos. Ninguém imaginava que o crime havia de lesar uma nação após outra, e que o assassinato dum príncipe envolveria a morte de milhões de homens inofensivos. O Governo austríaco instaurou um inquérito particular sobre a origem do crime. Dez dias depois, declarou que o assassinato fora tramado na Sérvia, e que os assassinos foram auxiliados por funcionários sérvios. Dizia o governo que o crime formava parte de uma vasta trama contra o império austríacos, e, em 23 de Julho, dirigiu uma NOTA ao governo sérvio exigindo, entre outras coisas, que certos oficiais do exército fossem demitidos e que permitir-se-ia a funcionários austríacos ajudar a manter a ordem na Sérvia.

Aguardava-se uma resposta satisfatória em quarenta e oito horas.

Para compreender o significado disso, é preciso ver o mapa da Europa. Ver-se-á que a Bósnia é um pequeno país separado do império austríaco pelo rio Save, e que a Sérvia, seu vizinho de Leste é separado do império austríaco pelo Danúbio. A Bósnia contém cerca de dois milhões de habitantes; a Sérvia, cerca de três milhões. Esses cinco milhões de habitantes são da mesma raça; eles pertencem à raça eslava, da qual também consiste a maior parte da população da Rússia. Eles têm quase os mesmos costumes e a mesma religião, e as duas nações são como dois irmãos vivendo contíguos um ao outro. Ora, nem sempre a Bósnia foi província austríaca. Como a Sérvia, ela fora outrora conquistada pelos turcos. Mas sempre ela detestava os seus opressores turcos e, em 1879, depois da guerra entre a Rússia e a Turquia, tanto a Bósnia como a Sérvia foram tomadas aos turcos. Houve, porém uma diferença no seu tratamento. Enquanto a Sérvia se tornava por completo independente com o seu próprio rei, a Bósnia quedou-se sob a protecção da Áustria. Esse estado de coisas durou trinta anos; então a Áustria, violando o convénio com as grandes potências europeias, fez da Bósnia uma província do seu Império. O povo da Bósnia deixou de ser senhor de si; tornou-se súbdito do imperador austríaco. Aí estava a razão do mal. Um país pequeno tinha sido, contra a sua vontade, tomado por um país maior. (.....) Os irmãos sérvios receavam que a Áustria fizesse o mesmo à Sérvia. (.....) Em quarenta e oito horas os governantes da sérvia tinham que resolver a questão. Se eles anuíssem a tudo que a Áustria exigia, a Sérvia deixaria de ser livre (....) Era o mesmo como se um gigante, brandindo o seu grande cajado, dissesse a um rapazito:

"Faz o que te ordeno, ou te darei bordoadas". A Rússia, grande potência eslava, era sempre tida por amiga e protectora das pequenas nações eslavas. Não era de supor que ela veria a Sérvia esmagada sem tratar de a salvar. Mas se a Rússia mandasse os seus exércitos para defender a Sérvia, a Alemanha ver-se-ia obrigada, por aliança, a auxiliar a Áustria. Por sua vez, o aliado da Rússia, a França teria também que ajudar a Rússia.

Vê-se pois que na resposta que a Sérvia tinha que dar em quarenta e oito horas pendia a questão de serem quatro grandes nações europeias, com cerca de trezentos milhões de habitantes envolvidos em guerra(....).Neste somenos entrou a Inglaterra na cena. Sir Eduard Grey, o ministro dos negócios estrangeiros, trabalhou noite e dia pela paz (...) A Rússia e a França, bem como Itália, aliada da Alemanha e da Áustria, estavam todos de acordo que houvesse uma conferência (...) A Alemanha fazia orelhas mouras. Era o mesmo como ela dissesse: "Nada têm que fazer com isso. A Áustria pretende castigar a Sérvia; eu não quero intrometer-me. Não permitirei que ninguém se intrometa. Se a Rússia ousar socorrer a Sérvia, eu cá estou para brigar com a Rússia e a França". No entanto a Sérvia, seguindo o conselho dos seus amigos, tinha respondido à nota austríaca. Cedia em quase tudo; porém o embaixador austríaco, em Belgrado, declarou, após poucos minutos de ponderação que a resposta não era satisfatória: e a Áustria declarou a guerra. Mesmo então a Áustria...ainda não tinha movido as tropas e anunciava que estava disposta a discutir a questão sérvia com a Rússia. Esse mesmo instante foi escolhido pela Alemanha para lançar contra a Rússia a declaração de guerra. Era o mesmo que se dois sujeitos a brigar fossem apaziguados pelos seus amigos e estivessem prontos para escutar a voz da razão quando um outro sujeito interviesse:

"Não, vocês não falam mais, vocês não hão-de ser amigos, vocês terão de brigar. Brigarei eu mesmo e eu darei o primeiro golpe"

Em 2 de Agosto a Alemanha invadiu o Luxemburgo. Começava a 1ª G.G. (Nota: Com as alianças tradicionais: A Inglaterra e Portugal intervieram contra a potência continental do centro, a favor da Sérvia, apesar do assassinato)

Conclusão:

À data, percebeu-se já haver a confirmação da ultrapassagem das organizações próprias, comuns e desejadas, para a resolução destes conflitos, inversão de regras e eliminação abrupta das etapa da escalada. Cresceu o receio de se entrar numa cedência de intervenções e diktacs sobre os mais fracos que conduzirá, no mínimo ao quadro novecentista dos protectorados e das anexações que se lhe seguiram, de má memória.

Fala-se já da Voivodina, quando a Sérvia vergar...

À data, percebeu-se já haver a confirmação da ultrapassagem das organizações próprias, comuns e desejadas, para a resolução destes conflitos, inversão de regras e eliminação abrupta das etapa da escalada.

Entretanto, não sei como os militares dos diversos países envolvidos nos ataques, em face das destruições e vitimas exibidas, mesmo como resposta a alegados "assassinatos", podem explicar aos seus filhos por que andam naquela guerra e como tudo começou.

A cultura dos games não vai chegar...

Coruche, 17/5/99

Vieira Nunes
C.M.G.(REF)

1) "Atalhos para uma reflexão inquietante: guerras justas e relações internacionais" - Anais do C.M.N. nº 7/97

2) Em Portugal, somente ao fim de 12 dias houve uma declaração oficial...

3) "A Inglaterra e a guerra. Manual para crianças"
Por Herbert Strang
Eyre and Spottiswwodes, Limited, Londres, 1916

DELEGAÇÃO NORTE
Comemorações Populares no Porto

Começaram cedo os preparativos para as comemorações na Delegação do Norte: em Maio de 98, logo a seguir ao encerramento das comemorações do 24º aniversário. Demos toda a importância a estas comemorações pelo facto de que esta seria talvez a grande comemoração que pode contar com a presença plena e activa dos militares e da geração de Abril. De facto, quem tinha 20, 30 ou 40 anos em 74, tem nestas comemorações 45, 55 ou 65 anos, e no cinquentenário terá já 70, 80 ou 90. Era portanto uma ocasião única para aqueles que fizeram e participaram no 25 de Abril poderem da melhor forma dar o seu contributo e deixar o seu testemunho bem vivo na memória das gerações mais novas e na história de Portugal.

Iniciámos o processo em discussão interna, que passou de seguida para reuniões com as mais variadas instituições que habitualmente participam connosco nas comemorações, tendo sido definidos os seguintes três objectivos para este ano:

Atingir todos os tipos de público

Deixar marcas para o futuro

Produzir avanços no conhecimento.

Foram várias as parcerias estabelecidas: com Câmaras Municipais e Governos Civis, com sindicatos, colectividades, instituições culturais e estudantis. Distribuíram-se as tarefas entre todos os participantes, de modo a que cada um contribuísse, dentro da sua especialidade e vocação, para um programa que assumiu uma coerência global em torno dos três objectivos pré-definidos.

Foi realizada uma exposição fotográfica intitulada "3 Olhares sobre Abril", que esteve a cargo do Sindicato dos Jornalistas e mostrou trabalhos de Pereira de Sousa, Bruno Neves e Ricardo Pereira. É de realçar que a boa colaboração com a instituição militar permitiu que a exposição tivesse lugar no Museu Militar do Porto, lugar simbólico da luta pela liberdade dado que era a antiga sede da PIDE no Porto.

Duas séries de colóquios permitiram ouvir e discutir opiniões muito diversas sobre o 25 de Abril, o processo revolucionário e a situação nacional e internacional, bem como o impacto da revolução portuguesa noutros lugares.

O primeiro colóquio foi com Xosé Manoel Beiras, presidente do Bloco Nacionalista Galego, e esteve a cargo do Sindicato dos Jornalistas e da União dos Sindicatos do Porto. Foram analisadas as raízes e perspectivas do nacionalismo de esquerda na vizinha Galiza, onde ainda hoje está bem presente uma grata recordação do 25 de Abril como exemplo e apoio concreto para o derrube do regime fascista em Espanha.

O segundo colóquio, a cargo da Árvore, esteve a cargo do ministro Joaquim Pina Moura e foi subordinado ao tema "25 anos de democracia em Portugal".

No terceiro colóquio, organizado pela A25A, APRIL e Universidade do Porto, com o tema "Globalização e Cidadania", o professor e sociólogo norte-americano James Petras fez uma análise do processo de globalização em curso, destacando que se trata não de uma mera construção de um mundo global, mas antes da construção de um império global com base nas empresas dos Estados Unidos, tendo apresentado vasta informação que baseia esta afirmação. A A25A está neste momento a tratar da edição do registo integral desta conferência e do debate que se seguiu.

Um quarto colóquio, a cargo da União dos Sindicatos do Porto com apoio do Sindicato dos Jornalistas, teve como protagonista Carvalho da Silva, que analisou a situação do mundo laboral e as perspectivas para a evolução da sociedade portuguesa integrada num mundo em mudança.

Por seu lado, a Câmara Municipal do Porto realizou outra série de colóquios, a deu a designação geral de "Conferências do Porto", que trouxeram ao Rivoli alguns dos principais protagonistas da política portuguesa das últimas décadas, como Mário Soares, Freitas do Amaral, Pinto Balsemão, Maria de Lurdes Pintasilgo, Álvaro Cunhal e António Guterres.

O Jornal Universitário do Porto apresentou no seu espaço cultural um programa diversificado na área das artes plásticas, vídeo, fotografia e instalações.

No que respeita ao cinema, o Cineclube do Porto apresentou uma série de filmes relacionados como tema da revolução, que incluiu Cerromaior de Luís Filipe Rocha, As Armas e o Povo do Colectivo dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica, Viva Zapata de Elia Kazan, Danton de Dimitri Buchowetzki, Terra e Liberdade de Ken Loach, Couraçado Potemkin de Sergei Eisenstein e Espoir, Sierra de Teruel de Malraux.

O Teatro Independente de Paranhos representou a peça A Noite de José Saramago.

Desfile cívico no dia 25 de Abril de 1999, na cidade do Porto. A partida, junto à antiga PIDE/DGS (actual Museu Militar do Porto)

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

No campo da arte pública, a Árvore e a Câmara Municipal do Porto produziram e colocaram no bairro de Santa Luzia um painel cerâmico intitulado 25 Anos de Liberdade, com peças de vários artistas plásticos. A Gesto e a A25A têm em projecto um outro painel cerâmico alusivo ao 25 de Abril da autoria de Rui Pimentel a ser colocado brevemente na zona da Boavista.

No dia 24 à noite, com produção da Culturporto e o apoio da Câmara, realizou-se um espectáculo no Coliseu, que contou com a presença de Fernando Tordo, do grupo galego Na Lua e do Coral de Letras. Este espectáculo, com entrada gratuita, foi transmitido em directo para a Avenida dos Aliados. No fim do espectáculo, recreando um movimento várias vezes realizado após os comícios da oposição antes do 25 de Abril, o público saiu em desfile do Coliseu até à baixa, onde milhares de pessoas já se encontravam para assistir à meia-noite ao tradicional fogo de artifício.

No dia 25 a concentração foi feita junto à ex-PIDE, começando com uma homenagem aos resistentes anti-fascistas, tendo sido apresentada a maqueta de um monumento a erigir no local, projecto do escultor José Rodrigues, que será custeado por subscrição pública a iniciar em breve. Realizou-se pela primeira vez um desfile cívico até à baixa, onde foi lida pelo Presidente da Delegação Norte a mensagem da nossa Associação. Seguiuase um espectáculo popular organizado pela Federação das Colectividades do Distrito.

A A25A editou um cartaz e folhetos para promoção dos eventos.

ASSEMBLEIA REGIONAL DA DELEGAÇÃO NORTE

Em 27 de Março de 1999, reuniu em sessão ordinária a Assembleia Regional da Delegação do Norte, de acordo com a ordem de trabalhos, dada a conhecer aos sócios desta área, em convocatória aos mesmos dirigida, nos termos dos nº 2 e 3 do Art. 11 do RID. A reunião foi orientada pelo Presidente da Mesa da A.G., Coronel Rolando de Carvalho Tomaz Ferreira assessorado pelos membros que constituem a Mesa da A.G.

Feita a leitura da acta da Assembleia anterior que constituía o ponto nº 1 da Ordem de Trabalhos, foi a mesma aprovada por unanimidade.

Em seguida, o Presidente da Direcção fez a leitura do relatório de actividades do último ano do mandato da Direcção (ponto nº 2) e apresentou igualmente, aos sócios presentes as contas referentes ao ano de 1998 (ponto nº 3). No ponto nº 4, fez uma exposição sobre o programa das Comemorações do 25º Aniversário do 25 de Abril, pedindo aos presentes a sua disponibilidade para representarem a A25A nas iniciativas das Autarquias, das Escolas e das Comissões de Trabalhadores, para as quais a A25A estava a ser convidada, fazendo a entrega aos presentes de um texto de apoio para uma melhor uniformização das intervenções públicas.

No ponto nº 5, último da Ordem de Trabalhos, O Presidente da Direcção deu conhecimento das várias iniciativas levadas a cabo pela Delegação, de ordem cultural e social durante o ano de 1998, e informou sobre a contratação de um jovem funcionário, que se fez associado da A25A, para que a sede possa estar aberta diariamente, exceptuando Domingos, Feriados e 2ª Feiras.

Foi num ambiente de vivo entusiasmo que alguns sócios tomaram a palavra, uns expressando pontos de vista muito optimistas sobre a vida da A25A, outros nem tanto.

Foi num ambiente de vivo entusiasmo que alguns sócios tomaram a palavra, uns expressando pontos de vista muito optimistas sobre a vida da A25A, outros nem tanto.

Sobre a sede da Delegação, foi referido que apesar da boa vontade manifestada pela Câmara Municipal do Porto, para a sua cedência, a mesma tendo espaço exíguo, já não resolve entre outros, o problema da administração dos seus bens, além de que não obstante a vista deslumbrante sobre a parte histórica da cidade, os acessos são de bastante dificuldade, motivando por isso a renúncia dos seus associados para com mais frequência ali se deslocarem, como muitos desejavam . A estas questões respondeu o Presidente da Direcção, informando de algumas diligências efectuadas e a efectuar no sentido de aliviar os inconvenientes apontados.

Discutidas todas as questões, o Presidente da Assembleia Regional agradeceu a presença de todos e congratulando-se com o entusiasmo como a Assembleia decorreu, deu por finda a reunião.

CONFERÊNCIA DE JAMES PETRAS, NO HOTEL TUELA EM 17/04/99

Foi um grande prazer conhecer James Petras, nosso convidado. Professor na Universidade do Estado de Nova Iorque é autor de trinta e um livros sobre a América Latina, os Estados Unidos e a Europa do Sul. Colaborador em revistas académicas e diversos jornais, como o "Monde Diplomatique", o "British Journal of Sociology" e a "American Sociological Review", tem-se mostrado activo e combativo na denuncia dos tremendos custos sociais, económicos e políticos que resultam da implementação de políticas neoliberais.

É também sua a grande denuncia que faz do crescente empobrecimento das classes médias, da insegurança no emprego, da perda da estabilidade familiar e do trágico impacto das novas políticas da juventude. Também não há já duvidas que a alienação individual corre paralela e a passos largos com as novas e disfarçadas formulas de um agressivo neoliberalismo, cujo principal objectivo é afirmar a hegemonia dos EUA.

James Petras, homem simples e afável é directo nas suas afirmações, mas humilde na sua grande Humanidade. Por isso também é dele, por outras palavras, a mesma denúncia: "Num mundo de optimismos recriados, reinventam-se novas verdades, já mentiras passadas e provadas. E, neste engano feito festa, correm lágrimas passadas que engrossam os rios doutras novas, mas já velhas correntes onde ainda, os mais fracos continuam a ser afogados. A tragédia actual reside na circunstância de até na dor nós tentarmos recriar a ideia de prazer e festa. "Floresta de Enganos" onde até os enganados, gozam o gosto de enganar na consciência de nada saber mas tudo gozar".

Conferência de James Petras, no Hotel Tueba

E por isso urgente parar para saber onde estamos, e repensar tudo o que fizemos. Talvez seja prudente repetir a velha afirmação de J. F. Kenedy: "Aqueles que se opõem às reformas necessárias e urgentes no mundo actual, tornam inevitáveis e serão responsáveis pelas revoluções do futuro".

Por nos ter feito pensar, foi um prazer tê-lo connosco Prof. James Petras.

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Integrado nas Comemorações do XXV Aniversário do 25 de Abril, a Delegação do Norte, à semelhança de anteriores anos, organizou em 16 de Abril um jantar – convívio que reuniu sócios, familiares, apoiantes e amigos da Associação 25 de Abril.

O encontro decorreu no Hotel Tuela e constituiu uma confraternização alegre e descontraída que sentou à mesma mesa 130 convivas, tendo sido animado pelo Coral de Letras da Universidade do Porto que interpretou temas populares de Lopes Graça e um Grupo de Jazz coordenado pela pianista Helena Caspurro.

Jantar de confraternização, no Hotel Tueba

LANÇAMENTO DO LIVRO "PELO DIREITO À CIDADE"

No passado dia 8 de Maio, pelas 16.00 horas, ocorreu na sede da Delegação Norte da A25A, o lançamento do livro intitulado "Pelo Direito à Cidade" da escritora e sócia da A25A, Maria Rodrigues.

O livro da editora Campo das Letras, fala-nos dos movimentos de moradores na cidade do Porto no período de 1974 a 1976. Após a apresentação do livro pelo Prof. Doutor Gaspar Martins Pereira, seguiu-se um debate subordinado ao tema Direitos e Liberdades conquistados com a Revolução dos Cravos, debate que contou com inúmeras intervenções centrando-se quase todas elas no tema genérico do livro, os movimentos de moradores e as novas liberdades do pós 25 de Abril de 74.

Esta pequena iniciativa contou com um números de presenças que ultrapassou as cinquenta pessoas o que originou uma certa sobrelotação da nossa pequena sede do Porto, mas com um balanço final bastante satisfatório onde tudo decorreu dentro da maior participação e festividade pelas comemorações do XXV Aniversário do 25 de Abril.

Recensão do Livro
Título: **Pelo Direito à Cidade – o movimento dos moradores do Porto (1974/76)**
Autora: **Maria Rodrigues**.
Editora: **Campo das Letras**/ Porto
Número de páginas: **159**.

Pelo direito à cidade

• João Baptista Magalhães

Não se podia encontrar melhor altura para uma reflexão sobre o que foram as lutas populares pelo direito à habitação e à cidade do que durante as comemorações dos "25 anos do 25de Abril". É que não se pode comemorar o 25 de Abril sem compreender o que significou a Revolução dos Cravos para os mais pobres, os que vivem do esforço do seu trabalho e sentem que este País também lhes pertence. Essa oportunidade surgiu com um trabalho de investigação de Maria Rodrigues, sócia da A25A, intitulado "Pelo Direito à Cidade – O Movimento de Moradores no Porto (1974/76)"-, editado por "Campos das Letras" e apresentado, no passado dia 8 de Maio, na sede da Delegação Norte da A25A.

Esta obra, feita no quadro de um mestrado em História Contemporânea, é incontornável para quem quiser estudar o movimento social popular que fez de um golpe de Estado uma Revolução. Centrando-se no período revolucionário, revela-nos, em traços bem documentados, as razões históricas, sociais e políticas dessas lutas e a forma como elas configuraram o próprio espírito do 25 de Abril.

A autora começa por referir o problema do alojamento dos trabalhadores pobres durante o fascismo para depois equacionar as principais razões que determinaram o aparecimento de comissões de moradores e levaram a que estas se transformassem num movimento solidário e criativo no exercício revolucionário da cidadania.

O Fascismo e o problema social da habitação

Podemos encontrar neste trabalho três factores que caracterizaram o problema social da habitação durante o fascismo: o primeiro situa-se no atraso do desenvolvimento económico do País e na ausência de uma política de habitação de massas. Esta situação reproduz-se numa cultura que faz do alojamento um elemento diferenciador do estatuto social e de

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

resistência à massificação. O segundo factor está ligado intimamente ao primeiro e consiste num bloqueamento à construção de casas. Quem, nessa altura, quisesse construir teria de saber mover influências que fossem capazes de vencer uma administração urbanística pesada e burocratizada. Esse papel ficava reservado aos promotores imobiliários. A função destes não era produzir e vender casas, mas o negócio de solos urbanizáveis e, nesse sentido, tinham a capacidade de movimentar uma rede de influências na administração com vista à obtenção das almejadas aprovações urbanísticas. Consequentemente, o mercado da habitação não se desenvolvia de acordo com as necessidades das pessoas, mas subordinava-se aos interesses especulativos da monopolização de solos urbanizáveis e da renda fundiária. Segue desta situação a terceira característica: como é difícil construir legalmente, constroi-se clandestinamente. Os bloqueamentos à produção de alojamentos são ultrapassados pela construção clandestina e pelo mercado de arrendamento à margem da lei (a sublocação). Foi neste quadro que surgiram as «ilhas», construídas no interior dos quarteirões, geralmente nos quintais das habitações da pequena ou média burguesia, ocultas a quem passava nas ruas, alojando, numa espécie de colmeia humana, muitos trabalhadores pobres. A sublocação dava-se, sobretudo, na parte velha da cidade, nas antigas casas dos comerciantes do burgo.

O reconhecimento do direito à habitação

O dever do Estado assegurar o direito à habitação foi uma bandeira dos democratas durante o fascismo e inscrevia-se num conjunto de reivindicações mais gerais que integravam os direitos económicos, sociais e políticos.

Quando, no período Marcelista, por volta de 1969, surge o Fundo de Fomento da Habitação, a oposição sente ter ganho uma das suas principais batalhas: o Estado, por intermédio do Governo ou das Autarquias, é obrigado a reconhecer o direito à habitação e a assumir o dever de resolver este problema social. Problema que, entretanto, se tinha agravado com o fluxo de populações que procuravam na Cidade emprego e melhores condições de vida. O alojamento dos mais pobres torna-se, então, num problema de política urbana. Os planos directores da cidade do Porto dão disso testemunho. Criam-se zonas com funções específicas: zonas para a implantação de indústrias, para o crescimento de serviços e para a habitação. Estas últimas, por sua vez, são divididas em zonas nobres e zonas pobres, colocando-se as segundas, na periferia da Cidade, onde foram, no geral, construídos os bairros sociais.

Para pôr em funcionamento tais planos foi preciso abrir espaços no interior da cidade e isso, como lembra Maria Rodrigues, significou retirar o direito à Cidade aos moradores pobres. É assim que, ao mesmo tempo que se demoliam as «ilhas» e as casas antigas, iam sendo expulsos da Cidade os que nesses locais viviam.

As Comissões de Moradores

Viver fora da cidade e do ambiente tradicional provocou apreensões, incertezas e a justificada sensação de arrastamento forçado para locais mais distantes do emprego, dos bens de consumo, dos amigos e, por isso, com piores condições de vida. As pessoas que eram deslocadas para os bairros sociais da Câmara perdiam os laços da comunidade a que pertenciam, encontravam uma forma de vida estranha e o regulamento imposto pela autarquia era autoritário, contendo prescrições que penalizavam os infractores com o despejo. Geraram-se, então, conflitos e as reivindicações populares em torno do direito à Cidade e à habitação vão ter, logo após o 25 de Abril, uma expressão organizada com o aparecimento das Comissões de Moradores.

Estas organizações populares rapidamente se transformaram no "Movimento dos Moradores do Porto" que, como é sublinhado no livro, constituiu um dos aspectos mais originais e peculiares do processo revolucionário. Reivindicaram a recuperação das «ilhas» e das antigas casas, criaram creches, jardins de infância e postos médicos, fizeram boletins de informação e conseguiram ganhar, com o apoio dos elementos do MFA que estavam na Autarquia, o estatuto de parceiro nas decisões da política urbana.

O projecto SAAL

É nesse contexto que surge o SAAL, constituindo-se num serviço público para o desenvolvimento de um programa de habitação popular, com carácter de emergência em zonas de habitação degradada.

Ao projecto do SAAL se ligou de forma empenhada a Escola de Arquitectura do Porto e com ele colaborou o Instituto Superior de Serviço Social, bem como personalidades de relevo da Cidade, como o advogado Mário Brochado Coelho e os arquitectos Siza Vieira, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, etc. Foi um projecto generoso que se identificou, de forma entusiasmada, com os interesses populares e, por isso, gerou oposição feroz dos interesses ligados ao imobiliário, nomeadamente dos que se expressavam através dos partidos.

A partir do 25 de Novembro de 1975, o Movimento dos Moradores foi sendo esvaziado dos seus poderes e objecto de persistente hostilidade da maioria dos partidos. No entanto, com maior ou menor dinamismo, algumas comissões de moradores conseguiram sobreviver até aos nossos dias, mantendo um equipamento de carácter social, nomeadamente creches e jardins infantis, e desenvolvendo actividades de carácter cultural.

Ler "Pelo Direito à Habitação – o Movimento dos Moradores do Porto (1974/76)", 25 anos depois do 25 de Abril, é caminhar pela utopia que fez de Abril a esperança de uma vida mais solidária e fraterna. Não admira, por isso, que terminada a leitura deste livro se fique com a sensação amarga de, em tão pouco tempo, estar tão longe do 25 de Abril. Mas haverá melhor forma de comemorar a Revolução dos Cravos do que fazer memória do que nEla foi mais generoso e mais significou para os mais pobres, os que vivem do seu trabalho?!...

Porto, 28/06/1999

Sócio da A25A, nº. 2320

CONVITES

- Convite para a apresentação pública do manifesto de lançamento do Bloco de Esquerda, com a presença de Fernando Rosas, Francisco Louçã, Luís Fazenda e Miguel Portas, no dia 25 de Fevereiro pelas 21.30 horas no Auditório da Reitoria da Universidade do Porto (representação feita pelo Eng. Renato Soeiro, Vogal da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Cerimónia do lançamento da primeira pedra do Edifício Cultural –Biblioteca Almeida Garret-, no dia 27 de Fevereiro pelas 11 horas com a presença de Sua Excelência o Ministro da Cultura (representação feita pelo Tenente Coronel Amadeu Felgueiras, Secretário da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto, para as festividades a realizar no Museu, no dia 26 de Março, pelas 18.00 horas.

- Convite feito pelo Sindicato dos Jornalistas e pela União dos Sindicatos do Porto/CGTP-IN, para a Conferência sobre "O Nacionalismo Galego e os Ideais do 25 de Abril" proferida por Xosé Manuel Beires, "leader" do Bloco Nacionalista Galego, no dia 26 de Março, pelas 21.30 horas.

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a cerimónia de deposição de uma coroa de flores em Homenagem a Almeida Garret, na Praça General Humberto Delgado, no dia 27 de Março, pelas 10.15 horas, com a presença de Sua Excelência o Presidente da República.

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Dr. Mário Soares, no dia 31 de Março, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Dr. Freitas do Amaral, no dia 7 de Abril, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelas Edições Afrontamento, para o lançamento do livro "Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica" de Celeste Malpique, com apresentação de Dr. Jaime Milheiro, no dia 14 de Abril, pelas 21.30 horas nas instalações do Círculo Universitário do Porto.

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Dr. Pinto Balsemão, no dia 21 de Abril, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Dra. Maria de Lurdes Pintassilgo, no dia 28 de Abril, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Dr. Álvaro Cunhal, no dia 5 de Maio, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pela Delegada do Inatel no Porto e pela Areal Editores, para a Conferência "Garret, Escritor Plural", no dia 5 de Maio pelas 22 horas na Sede do Inatel no Porto.

- Convite feito pelo Presidente da CMP, para a Conferência "25 Anos, 25 de Abril", proferida pelo Eng. António Guterres, no dia 12 de Maio, no Rivoli do Porto pelas 18.00 horas (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pela União dos Sindicatos do Porto/CGTP-IN e pelo Sindicato dos Jornalistas, para participar na Conferência "Globalização, Consequências Sociais e Cidadania", proferida por Carvalho da Silva (Coordenador da CGTP-IN), no dia 14 de Maio, pelas 21.30 horas no Auditório do Jornal de Notícias (representação feita pelo Tenente Coronel Ribeiro da Silva, Presidente da Direcção da A25A/Norte).

- Convite feito pelo Presidente da CMP e pelo Comissário Geral da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, para a apresentação dos quiosques informativos, dos CD-ROMs "Décadas da Ásia", de João Barros e da "Revista Mare Liberum", números 1 a 13, editados no âmbito do Projecto Ophir-Biblioteca Virtual dos Descobrimentos, no dia 24 de Maio pelas 11.00 horas no Teatro Rivoli (representação feita pelo Eng. Renato Soeiro, vogal da Direcção A25A/Norte).

- Convite feito pelas Edições Afrontamento, para o lançamento do primeiro volume da obra "Arquivística – Teoria e Prática de uma Ciência da Informação" de Armando Malheiro da Silva, Fernanda Ribeiro, Júlio Ramos e Manuel Luis Real, no dia 17 de Junho pelas 18.00 horas na Casa das Artes, na cidade do Porto.

- Convite feito pela Câmara Municipal de Almada e pela Editora Campo de Letras – Editores AS, para a sessão de lançamento do livro "579 Dias de Revolução", de Fernando da Vaza Pinheiro, na Sala Polivalente da Biblioteca Municipal – Fórum Romeu Correia, pelas 21.30 horas no dia 17 de Junho.

- Convite feito pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto e pelo Presidente do Leal Senado de Macau, para a inauguração da "Exposição Oriente/Ocidente, Artistas de Macau", no dia 18 de Junho pelas 17.30 horas no Mercado Ferreira Borges no Porto.

- Convite feito pelo Sindicato dos Professores do Norte, para a entrega dos prémios e menções honrosas do concurso "25 anos do 25 de abril", patrocinado pela Companhia de Seguros Tranquilidade, no dia 19 de Junho, pelas 15.30 horas, no Parque de Exposições de Vila Nova de Gaia.

REPRESENTAÇÕES

Nº.	Entidade
1	Junta de Freguesia de Canidelo
2	Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia
3	Escola Básica 2,3 Júlio Saúl Dias
4	Escola Secundária do Padrão da Légua
5	As. de Pais e Enc. Educ. da Esc. EB 2,3 Arrifana
6	Esc. 2,3 de Ensino Básico Dr. Ferreira da Silva
7	Escola EB 2,3 de Miragaia
8	Escola EB 2,3 de Gonçalo Nunes
9	Junta de Freguesia de Guifões
10	Escola Secundária do Cerco
11	Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira
12	Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Frei C. Brandão
13	Escola Secundária da Póvoa do Lanhoso
14	Ancorensis - Cooperativa de Ensino, C.R.L.
47	Escola Secundária António Sérgio
16	Junta de Freguesia de São Félix da Marinha
17	Associação de Estudantes do ISCAP
18	Associação de Pais da Senhora da Hora
19	Junta de Freguesia de Oliveira do Douro
20	Escola EB 2,3 do Castelo da Maia
21	Escola E.B. 2,3 de Rio Tinto
22	Esc. Sec. Prof. Dr. Flávio F. P. Resende
23	Escola Secundária da Boa Nova
24	Câmara Municipal de Braga
25	Escola EB 2/3 de Canedo
26	Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
27	Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
28	Junta de Freguesia da Vila de Valbom
29	Escola E. B. 2/3 da Corga
30	Escola Secundária de Ponte de Lima
31	Escola Secundária de Caldas de Vizela
32	Escola EB 2.3 de Matosinhos
33	A. P. E. E. da Esc. Sec. de Oliveira do Douro
34	Escola Secundária de Oliveira Martins
35	Centro Social de Soutelo
36	Casa Municipal da Cultura - Fafe
37	Câmara Municipal de Monção
38	Conferências Trindade Coelho
39	Sindicato dos Bancários do Norte
40	Junta de Freguesia de Canelas
41	Junta de Freguesia de Riba de Ave
42	Esc. Sec. Soares Basto de O. de Azeméis
43	Escola Secundária de Gondomar
44	Associação Cultural de Verdoejo
45	Escola Secundária Alberto Sampaio
46	Escola EB 2,3 João de Meira - Guimarães
48	Escola Básica e Secundária Carlos Cal Brandão
49	Junta de Freguesia de Aldoar
50	Junta de Freguesia do Bonfim
51	Escola EB 2,3 de Moreira da Maia
52	Escola Secundária do Morgado Mateus
53	Centro Cultural do Alto Minho
54	Escola Secundária Filipa de Vilhena
55	Assoc. de Est. da Esc. Sec. da Trofa
56	Com. Prom. das Comemor. do 25 de Abril - Trofa
57	Escola Secundária Bento Jesus Caraça
58	Associação dos Professores de História
59	Biblioteca da Câmara Municipal
60	Escola EB 2,3 Egas Moniz
61	Escola E.B. 2.3 de Frazão
62	Escola EB 2,3 de São Pedro da Cova
63	Escola E. B. 2,3 de Paredes
64	Sindicato dos Jornalistas - Delegação do Norte
65	Junta de Freguesia de Matosinhos
66	Junta de Freguesia de Cedofeita
67	Câmara Municipal de Fafe
68	Partido Socialista da Estação/Rio Tinto
69	Junta de Freguesia de Custóias
70	Assembleia Municipal de Baião
71	União dos Sindicatos do Porto - S. P. Concurso
72	Escola Secundária de Vila do Conde - J. Régio
73	Sind. Trabalhadores de Seguros do Norte
74	Partido Socialista de Valbom - Gondomar
75	Bloco de Esquerda
76	Escola Secundária do Marco de Canaveses
77	Associação Juvenil de Ambiente e Aventura
78	Alfacoop - Cooperativa de Ensino. C.R.L.
79	Escola Tecnológica e Art. do Vale do Minho
80	Escola EB 1 Nº 9
81	Associação Convívio
82	Forum Cabeceirense
83	Conservatório de Música Calouste Gulbenkian - Braga
84	Escola Básica Nº 7 - Sé Braga

JANTAR DE OFICIAIS

Cumpriu-se mais uma vez a tradição. Oficiais das Forças Armadas residentes no norte do país conviveram comemorando Abril, ao jantar, no dia 25 de Abril, no Hotel da Penha em Guimarães.

Alguns compareceram acompanhados das suas famílias e em conjunto, terminando cantando a Grândola e o Hino Nacional, fizeram a festa de Abril.

OFERTAS FEITAS À A25A

MEDALHAS
- Comemorativa do Cinquentenário do MUD Juvenil
Oferta da Comissão Promotora das Comemorações
- Comemorativa do 150º Aniversário da Revista Militar
Oferta do Presidente da Direcção da Revista Militar
- Comemorativa dos 20 anos do Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos
Oferta do Director do Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos
- da Câmara Municipal de Leiria
Oferta dos representantes da Câmara na Festa Jovem
- da Escola Secundária Sebastião e Silva
Oferta do Concelho Directivo
- Comemorativa "25 Anos do 25 de Abril"
Oferta do Gabinete Português de Medalhística
- Comemorativa 25 de Abril 25 Anos
Oferta da Câmara Municipal de Aljezur
- Comemorativa do XXV Aniversário no Concelho de Almada
Oferta da Junta de Freguesia de Laranjeiro
Oferta da Junta de Freguesia da Trafaria
- Comemorativa dos 25 Anos do 25 de Abril
Oferta da Câmara Municipal de Grândola
- do Município de Arganil
Oferta da Câmara Municipal de Arganil
- Comemorativa do 25º Aniversário do 25 de Abril
Oferta da Junta de Freguesia de Silves

PLACA DE HOMENAGEM
Oferta das Juntas de Freguesia de S. Lourenço e S. Simão de Azeitão

PLACA DE AGRADECIMENTO
Oferta do Grupo Sportivo Adicense

PLACA COMEMORATIVA DO 25º ANIV DO 25 DE ABRIL
Oferta da Câmara Municipal e Junta de Freguesia do Bombarral

PLACA COMEMORATIVA DO 25º ANIV DO 25 DE ABRIL
Oferta da Junta de Freguesia de Santos-o-Velho

PLACA COMEMORATIVA
Oferta da Escola Paulo da Gama

PRATO DECORATIVO EM ESTANHO
Oferta da Cidade de Beja

QUADROS
- COMEMORATIVO DO 25º ANIV DO 25 DE ABRIL
Oferta da Junta de Freguesia da Venteira

- PINTURA A ÓLEO S/TELA
Oferta de Clara Correia

- PINTURA A ÓLEO S/COLAGEM - TÉCNICA MISTA "25 ANOS EM LIBERDADE"
Oferta do sócio Henrique Tigo

AZULEJO EMOLDURADO (CAPELA DE Nª SRª DA NATIVIDADE)
Oferta da Junta de Freguesia de Mem Martins

LIVROS
- "Mutualismo - A Força do Associativismo Democrático"
Oferta do autor, sócio apoiante 114 - Domingos Martins Carvalho
- "Cascais e o 25 de Abril"- Itinerários do Movimento dos Capitães no Concelho de Cascais
Oferta da Câmara Municipal de Cascais
"L.A. & Cª no meio da revolução"
Oferta do co-autor Manuel Campos Pinto
- "Murais de Abril - 1974"
Oferta do sócio 1620 António Paixão Esteves
- "Trinta Facadas de Raiva"
- "Ao longe"
- "Como se faz um fascista"
Oferta do sócio apoiante 1126 Luis Manuel Duarte Diogo
- "Abril no Humor"
Oferta da Câmara Municipal de Sintra
-"Crime de Estado"
Oferta do sócio 816 Jacinto Rego de Almeida
- "Cantar Alentejo"
Oferta do Grupo Coral Alentejano Unidos do Lavradio
- "Arquivo do Conselho da Revolução"
Oferta do Director da Torre do Tombo
- "Checa é pior que Turra"
Oferta do autor Manuel Maria
- "O Renascer da Esperança" -1000 livros de banda desenhada
Oferta dos autores Manuel de Sousa e Ernesto Neves
sócios da A25A

ASSOCIADOS FALECIDOS

GILBERTO PEREIRA CARDOSO	*sócio efectivo nº 122*
MANUEL JOAQUIM LEITE	*sócio efectivo nº 393*
JOAQUIM VAZ DA PALMA	*sócio efectivo nº 1582*
PAULO BAPTISTA CORREIA	*sócio efectivo nº 1745*
ARMANDO F. DE MORAIS E CASTRO	*sócio efectivo nº 2205*
DULCINIO CAIANO PEREIRA	*sócio efectivo nº 2334*
ANTERO MARTINS PINTO MAGALHÃES	*sócio efectivo nº 2388*
MANUEL CORREIA LOPES	*sócio efectivo nº 2595*
MÁRIO FREIRE DE SOUSA	*sócio efectivo nº 2415*
ELEUTÉRIO TEIXEIRA	*apoiante nº 341*
ARMINDO GONÇALVES RAMOS	*apoiante nº 439*
JORGE ALBERTO DA SILVA AMARO	*apoiante nº 1072*
ARTUR RAUL SILVA MARQUES	*apoiante nº 1371*
JESUINA DAS DORES CAETANO DA SILVA	*apoiante nº 1098*
ARTUR ALBUQUERQUE ASSUNÇÃO	*apoiante nº 2125*

A todos os seus familiares, as nossas sinceras e profundas condolências.

- " Feliz Aniversário" de Appio Claudio
Oferta da Câmara Municipal da Chamusca
- "Obrigado Avô Gil" de Manuel Moura George
Oferta do autor
- "Megalomanias" - Poemas
Oferta do autor Eduardo Nunes da Silva
- "Cascais e o 25 de Abril" - (Itinerários do MFA no concelho de Cascais)
Oferta de 20 livros da editora, Câmara Municipal de Cascais
- Catálogo de Guache e Desenho
Oferta de H. Mourato
- Discursos Parlamentares - 150 discursos proferidos nas sessões solenes da Assembleia da República comemorativas do 25 de Abril
Oferta de S. Exª o Senhor Presidente da Assembleia da República, Dr Almeida Santos

CASSETES AUDIO
- Cantares Alentejanos
Oferta do Grupo Coral Alentejano Unidos do Lavradio
- 3 Cassetes c/ Gravações referentes à Independência de Moçambique
Oferta do dr. Machado da Graça

GALHARDETES
- Do Grupo Coral Alentejano Unidos do Lavradio
Oferta do Grupo Coral Alentejano Unidos do Lavradio
- Da Junta de Freguesia do Lavradio
Oferta da Junta de Freguesia do Lavradio
- Comemorativo 25 de Abril 25 Anos
Oferta da Câmara Municipal de Aljezur
- Comemorativo dos 75 anos com o Associativismo Popular
Oferta da Federação Portuguesa das Colect de Cult e Recreio

CD ROOM
- 25 de Abril de 1974 - Roteiro da Revolução
Oferta da Biblioteca Museu República e Resistência
- 25 de Abril (20 Exemplares)
Oferta do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra

SALVA DE PRATA
- Homenagem da Freguesia da Charneca da Caparica

50 SERIGRAFIAS "ABRIL 25 ANOS"
- Homenagem da Galeria ARTDOMES e do pintor ERNESTO NEVES
Oferta do autor Ernesto Neves

ESTATUETAS
- Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
- Homenagem da Junta de Freguesia da Serra d'El Rei

MULTIPLO/ESCULTURA
- Comemorativa do XXV Aniv. do 25 de Abril da autoria do escultor Espiga.
- Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras

ESCULTURA EM CERÂMICA - Símbolo da Liberdade
Oferta da Junta de Freguesia da Serra d' El Rei (Concelho de Peniche)

ESCULTURA 25 DE ABRIL 25 ANOS
Oferta de H. Mourato

SELOS
- Selos comemorativos do 25 Aniversário do 25 de Abril
Oferta de S. Exª o Senhor Presidente da Assembleia da república Dr Almeida Santos

BRAZÃO DA VILA DA TRAFARIA
Oferta da Junta de Freguesia da Trafaria

CASSETE VIDEO
- Desfile militar comemorativo do 25 Aniversário do 25 de Abril
Oferta do Gabinete de Comunicação e Relações Públicas do Ministério da Defesa Nacional

CONVITES FEITOS À A25A

ADFA
Sessão Solene do 25º Aniversário da ADFA 14-05-99
Almoço convívio do 25 º Aniversário da ADFA 15-05-99
Cerimónia de Homenagem aos Militares Falecidos 15-05-99
Lançamento do livro "Trinta Facadas de Raiva" 07-06-99
Um dia dedicado à pintura denominado "Mãos à Obra" 03-07-99

AJA-ASSOC DE JOVENS D'ALCÂNTARA/RODA VIVA
Festa comemorativa dos 25 anos de 25 de Abril 24-04-99

ALTA AUTORIDADE PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL
Colóquio " Os Países de Língua Portuguesa e a Liberdade de Informação" 25 e 26-06-99

ÂNCORA EDITORA / LIVRARIA ESCOLAR EDITORA
Lançamento do livro "Confissões do 25 de Abril " 29-04-99
Lançamento do livro "Textos e Ensaios Filosóficos" 29-06-99

ASSOCIAÇÃO DE GINÁSTICA DE LISBOA
Gala de Ginástica da Cidade de Lisboa 02-06-99

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS COMISSÕES DE BASE DE SAÚDE
12º Encontro Nacional das Comissões de Base de Saúde - o 25 de Abril e a Saúde 26-06-99

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA
Exposição "Papel de Abril - jornais e livros sobre o 25 de Abril de 1974" 23-04-99
Encontro de autores portugueses sobre lançamento do livro "Abril" 22-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Lançamento do livro " 579 Dias da revolução " 17-06-99
XII Mostra Filatélica " Da repressão à Liberdade - 25 Anos, 25 de Abril" 27 a 29-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO (PRESIDENTE DA)
Almoço comemorativo do dia de Portugal 10-06-99

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA/ESCOLA PROF. BENTO J. CARAÇA
Aula aberta subordinada aos temas "O 25 de Abril de 1984. Porquê?" e "Imagens da Revolução" 22-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA
Inauguração da exposição de fotografia de Fausto Giascone 21/05/99

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Lançamento do livro " Leitura dos actos" 07-04-99
Exposição evocativa do 30º Aniversário das Greves Académicas de Coimbra 69 09-04-99
Homenagem ao jornalista António de Figueiredo 25-05-99
Lançamento da obra "O Algarve" 13-05-99
Inauguração da Exposição "Abril - Mulher " 11-05-99
Apresentação do livro "Praça da Canção " 17-06-99

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / EDITORIAL CAMINHO
Lançamento da Colecção Caminho de Abril 16-04-99
Apresentação do livro "Esboços" 20-04-99
Documentário "El Milagro de la Tierra Morena" 28-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
Espectáculo " A Liberdade conquista-se sempre " 24-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA
Inauguração do Conjunto Escultórico em Homenagem aos 25 anos do 25 de Abril 25-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
Cerimónias Comemorativas da Atribuição de Escultura Comemorativa do 25 de Abril 25-04-99
Homenagem aos militares do Concelho de Oeiras 10-06-99

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM
Cerimónia evocativa dos 25 Anos do 25 de Abril 24-04-99

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
Sessão de Abertura do "SintrAnima 99 - Forum de Projectos do Concelho de Sintra" 19/05/99
Sessão de Encerramento do "SintrAnima 99 - Forum de Projectos do Concelho de Sintra" 01-06-99

CASA FERNANDO PESSOA / CMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Lançamento do objecto "Oculta Mão" 17-06-99

CASA DE FUMO
Apresentação do livro "Caçar a Gosto" e do filme "Noites Bravas" 26-06-99

CENTRAL DE CERVEJAS
Inauguração da Exposição Colectiva de Pintura de Franco Charais e Stela Barreto 20-04-99

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA
Exposição "Signos e Idolatrias" 08-04-99
Exposição "Paisagem, Indústria e Memória " 17-06-99

CGTP - INTERSINDICAL NACIONAL
Apresentação pública do "Café das Imagens" - 25 Anos do 1º de Maio em Liberdade 01-05-99

CIDAC
Lançamento do livro "Parcerias Estado Ong. Estudo de Caso" 26-05-99

CIVITAS
Seminário Internacional "Desempregados-Respostas-Sentido da Mudança, Avaliação de um Projecto do FSE" 26-06-99

CLUBE DE JORNALISTAS
Inauguração da Exposição "Imagens de Abril" 16-04-99

CLUBE MILITAR NAVAL
Convívio "Comemorar Abril" 24-04-99
Espectáculo musical da Família Naval 20-04-99
Tomada de posse sócios gerentes 03-03-99

COMISSÃO ABRIL DE ABRIL
Espectáculo "Preguiça. Abril. 25" 14 a 18-04-99
Colóquio "Bento Jesus Caraça e o seu tempo" 12 a 17-04-99
Colóquio "As mulheres e o 25 de Abril" 15-04-99
Espectáculo "Encontro de coros" 17-04-99
Exposição de fotografias de José Delgado 19 e 21-04-99
Exposição de fotografias de Alfredo Cunha 22-04-99
Colóquio " O 25 de Abril, antes e depois" 20-04-99
Lançamento do livro "Abril" 22-04-99
Exposição " O Estado do Tempo" 22-04-99
Colóquio Internacional " Os Direitos Humanos no próximo milénio " 09/04/99
Lançamento do livro "Braga Grito de Liberdade" 12/04/99
Exposição "Cartazes de Abril " 10/04/99

COMISSÃO EXEC INSTAL DA ESCOLA E B 2,3 DO CARTAXO
Comemorações dos 25 Anos do 25 de Abril 03-05-99

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS
Sessão solene 10-06-99

COMPANHIA DE TEATRO DE PORTALEGRE/CM PORTALEGRE
Espectáculo " O Elefantinho " 29-04-99
Perfomance teatral " O Flautista " 20-06-99

CONVITES FEITOS À A25A

COMPANHIAS DE TEATRO DE ALMADA E SINTRA
Espectáculo Memorial do Convento
20/05/99

CRINABEL - TEATRO
Espectáculo de teatro "A Pomba"
22-04-99

DAFNIS
Lançamento do livro "Nau da Índia"
11-05-99

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO CENTRO
Apresentação do programa de Comemorações do 25º Aniversário do 25 de Abril
21-04-99

EDIÇÕES AFRONTAMENTO
Sessão de lançamento do livro "José Afonso, o rosto da utopia"
15-04-99

EDITORIAL CAMINHO
Lançamento do livro "Aqui emissora da liberdade"
22-04-99

Lançamento do livro "A arte da Fuga"
13-05-99

Lançamento dos livros "O Lago da Lua" e "Janela para Oriente"
26-05-99

Lançamento do livro "Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir
27-05-99

Lançamento do livro " Tempo de lacraus "
23-06-99

ESCOLA PREPARATÓRIA DO MONTE ESTORIL - 5029
Festa do " Dia da História" com o tema "Contar Abril"
22-06-99

ESCOLA PROFISSIONAL CISAVE
Colóquio subordinado ao tema "Abril, 25 Anos de Liberdade"
28 a 30-06-9

ESCOLAS Nº 31, 77 E B1 E 109 E 57 E E. B. 2,3 DO LUMIAR
Exposição " O que é viver em democracia "
17 e 18-05-99

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DS COLECT DE CULT E RECREIO
Tomada de posse dos novos Corpos Sociais
30-04-99

Sessão solene do 75º Aniversário
31-05-99

FERLAP- FEDERAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS
Debate " Os Direitos da Criança e do Jovem "
01-06-99

FUNDAÇÃO LUSO AMERICANA P/ DESENVOLVIMENTO, A EDITORIAL NOTÍCIAS E A CIVITAS
Lançamento do livro "Repensar a Cidadania - nos 50 anos da Declaração dos Direitos Humanos"
23-06-99

GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição de Carlos Reys
20-03-99

Exposição de Torres Preto
19-04-99

Exposição de Vasco San-Payo
08-05-99

Exposição Luso-Africana
29-05-99

GRAM - GRUPO DE ACÇÃO DE MULHERES
Colóquio " 25 Anos após Abril "
14-05-99

HUGIN EDITORA
Lançamento do livro "Uma Noite fez-se Abril"
12-04-99

INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA
Debate "Antecedentes e carácter do 25 de Abril "
8-04-99

Debate " 25 de Abril, Integração Europeia, Dissonâncias/Consonâncias"
20-05-99

ISSS - COOP DE ENSINO SUPERIOR INTERVENÇÃO SOCIAL CRL
Colóquio "Estado Social e Cidadania em Portugal "
28-05-99

JUNTA DE FREGUESIA DA BAIXA DA BANHEIRA
Exposição de artesanato do artista Diogo António Vieira
13-05-99

Palestra inserida nas comemorações do 15º aniversário da elevação da Baixa da Banheira a Vila
17-05-99

JUNTA DE FREGUESIA DE CASCAIS
Exposição comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril
22 a 30 -04-99

JUNTA DE FREGUESIA DE LINDA A VELHA
Sessão comemorativa do 25º aniv do 25 de Abril
25-04-99

JUNTA DE FREGUESIA DA PONTINHA
Assinatura do Protocolo de cedência do Pinhal da Paiã
22-04-99

L'ACROPOLE ROUGE
Exposição fotográfica "Abril sem Abril, Zeca Afonso sempre"
24-04 A 02-05-99

Exposição " Abril sem Abril - Lisboa, o Fado, Meu Amor "
19-06-99

LIGA DOS COMBATENTES
63ª Romagem Nacional ao Túmulo do soldado desconhecido.
09-04-99

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
Sessão solene comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril
10-04-99

PARQUE EXPO E SP FILMES
Apresentação do filme "Outro País"
24-04-99

PCP
Colóquio entre o PCP e a Esquerda Unida de Espanha sobre a actual estratégia da Nato.
02-04-99

Conversa com Manuel Tiago e Rogério Ribeiro a propósito das ilustrações e do livro "Até Amanhã Camaradas"
13-05-99

RTP / RTC E LUSOMUNDO
Lançamento dos vídeos de Abril
21-04-99

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
Exposição de Medalha Contemporânea "New Ideas in Medallic Sculpture"
03-05-99

SECTOR INTELECTUAL DA ORLISBOA DO PCP
Exposição colectiva de Artes Plásticas
15-04-99

SINDICATO DOS JORNALISTAS
Lançamento do livro de Teses do 3º Congresso e da antologia Prémios de Macau e Jornalismo
06-04-99

Colóquio " A Actualidade dos Ideais de Abril, 25 Anos depois - Diálogo de gerações"
28-04-99

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESPECTÁCULOS
Conferência Mundial do Espectáculo ao Vivo (Teatro e bailado)
18 a 21-06-99

TEATRO DA CORNUCÓPIA
Espectáculo " O casamento de Fígaro"
06/07 - 05-99

Sessão de apresentação de Trilogia Monocromática
08-06-99

TEATROESFERA
Estreia do espectáculo "Abril"
18-04-99

Espectáculo "Abril"
08 e 09-05-99

TEATRO DA TRINDADE
Espectáculos comemorativos dos 25 anos da Revolução de Abril
06-08 e 10/04/99

TEMAS E DEBATE
Sessão de lançamento do livro "Álvaro Cunhal Uma biografia política - Vol 1: "Daniel", o Jovem Revolucionário (1913 - 1941) de José Pacheco Pereira
24-05-99

ULMEIRO / FNAC
Lançamento do livro "A canção política em Portugal"
26-04-99

UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO/CGTP IN /SIND JORNALISTAS
Conferência " Globalização, Consequências Sociais e Cidadania"
14-05-99

UNIVERSIDADE DE COIMBRA / CENTRO DOC DE COIMBRA / BEDETECA LISBOA
Exposição "Uma revolução desenhada - o 25 de Abril e a BD "
15-04-99

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA TERCEIRA IDADE
Exposição de " Artes Decorativas "
16 a 28-06-99

VEGA EDITORA / CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Lançamento do livro "D. Sebastião Chega Sempre a Horas"
31-03-99

VERA CONÇALVES LAGOS 1999
Exposição "Um circulo de cadeiras luminosas sobre uma calote azul"
25-04-99

VERTICE
Sessão pública de apresentação dos Balanços se 1998
21 e 22-04-99

VAMOS APRENDER BRIDGE! (44)

Realçámos no artigo anterior a importância da utilização dum sistema de SINALIZAÇÃO, quando nos encontramos na situação de "Ataque de Flanco".

É óbvio que não existe um modelo único para sinalizar o jogo ou cartas que se possuem, pelo que o sistema que vou apresentar é apenas um entre vários, ainda que possamos considerá-lo como "standard", dado a divulgação generalizada que apresenta. É o sistema francês de sinalização cuja eficácia é indesmentível face aos recentes êxitos conseguidos pela selecção gaulesa nos últimos campeonatos internacionais.

- SINALIZAÇÃO DE ATITUDE

Já vimos que a ATITUDE deve transmitir ao parceiro o **interesse ou não** no ataque em determinado naipe.

Para sinalizar ATITUDE pode utilizar-se a técnica conhecida como "ALTA/BAIXA", que se traduz, numa forma simples, nos seguintes conceitos:

- A apresentação duma carta alta (em princípio um 7 ou carta de valor superior) "chama", isto é, o jogador manifesta interesse na continuação do naipe jogado pelo parceiro.

- A apresentação duma carta baixa (até ao valor de 6 **em princípio**) revela desinteresse no naipe jogado pelo parceiro.

Vejamos um exemplo:

W saiu ao A♥ a atacar um contrato do 3ST. A sua saída revela, em princípio, que possui um naipe comprido encabeçado por AR, no mínimo.
E com ♥ D 92 deverá jogar o 9♥ (chamando)
E com ♥ 972 deverá jogar o 2♥ (negando)
E com ♥ V 102 deverá jogar o V♥ (informando que detém o V e o 10. Se tivesse DV jogava a D).

Terão certamente notado que quando disse que uma carta de valor superior ao 7 normalmente chamava e que quando de valor inferior, em princípio, negava o interesse no naipe, estranhamente utilizei os termos "normalmente" e "em princípio".

Tive o cuidado de o fazer porque no bridge, como em muitas outras situações na vida, as coisas não são só brancas ou pretas, nem só boas ou más. Também as há cinzentas e razoáveis, dependendo, muitas vezes, das circunstâncias em que ocorrem.

Parece que estamos a entrar em campos estritamente filosóficos ou exotéricos mas, de facto, estamos apenas a abordar a realidade.

Dizemos que as cartas altas chamam **se** o jogador tiver na sua mão cartas pequenas. Porque se as não tiver, **uma carta alta pode negar, sempre que for a de menor valor que o jogador possua**.

Por isso o parceiro deverá "ler", ou "tentar ler", o que determinada carta pretende dizer, face ao teor das cartas que possui, às existentes no "morto" e às "possíveis" na mão do parceiro.

É todo este conceito de análise que distingue um bom jogador em contraponto com as conclusões precipitadas retiradas pelos "perus".

Serão a prática e a concentração que permitirão chegar a análises correctas o **maior número** de vezes.

- SINALIZAÇÃO DA CONTAGEM

Resolver o problema de indicar ao parceiro quantas cartas se tem na mão, no naipe que o parceiro jogou (CONTAGEM), permite obviar a que se jogue corte à balda ou, caso mais vulgar, conseguir fazer um corte nesse naipe.

Volto a repetir que **ou** se dá a CONTAGEM **ou** se revela ATITUDE. Fazer as duas coisas ao mesmo tempo é que não é possível, pelo que se terá que, em cada situação, escolher qual a solução mais indicada para o caso em apreço.

Se se pretender dar a CONTAGEM ao parceiro, a forma mais usual de o fazer é indicar se se tem um número par ou ímpar de cartas nesse naipe.

Tendo-se um número ímpar de cartas na mão (1, 3 ou 5) jogam-se as cartas do naipe a subir.

Caso se tenha um número par de cartas (2, 4 ou 6) jogam-se as cartas do naipe a descer.

Suponhamos que a ♠ tenho 9652 e que o meu parceiro saia a D♠. Para indicar que tenho um número par de cartas (4) em ♠ devo jogar em primeiro lugar o 6♠ e numa segunda oportunidade o 2♠. logo ao jogar o 6♠ o parceiro notou a falta do 5 e do 2♠, alertando-se para a possibilidade de eu ter um número par de cartas.

Se tivesse apenas ♠952, indicava que tinha um número ímpar de cartas jogando o 2♠.

Este sistema de sinalização da CONTAGEM é conhecido em França pelo "PAIR/IMPAIR", visto indicar exactamente se se detém um número par ou ímpar de cartas no naipe.

Com este elemento será possível ao parceiro, pelo leilão, pelas cartas que ele próprio possui, saber quantas cartas tem o carteador, extrapolando para a correcta identificação das distribuições existentes nas mãos escondidas, factor essencial para a definição duma estratégia adequada no ataque de flanco.

A CONTAGEM não poderá apenas ser feita ou conseguida quando o parceiro joga ou ataca um naipe, mas também quando nós o atacamos.

Aí a regra é:
- Saídas às 1.as, 3.as ou 5.as cartas do naipe;
- Ou saídas às 4.as cartas do naipe.

Utilizando um ou outro sistema (o que deve é **previamente** acordar com o parceiro qual o escolhido) conseguirá "contar" e definir as mãos, quer seja o seu parceiro a sair quer seja você a iniciar o ataque.

Quer isto dizer que a CONTAGEM pode ser feita **simultaneamente** pelos dois parceiros pois o que saiu indicou que o fez a uma 1.a, 3.a carta e o parceiro **poderá indicar** que detém um número par ou ímpar de cartas nesse naipe, no caso do morto ter feito a vasa pois, caso contrário, o parceiro do abridor deve jogar a sua carta mais alta.

- SINALIZAÇÃO DE PREFERÊNCIA

Indicar uma PREFERÊNCIA, significa sinalizar ao parceiro qual dos outros naipes gostaria de ver atacado preferencialmente no futuro.

Só poderá sinalizar uma PREFERÊNCIA quando, **sem qualquer sombra de dúvidas**, a indicação não puder ser confundida com uma ATITUDE ou uma CONTAGEM.

As PREFERÊNCIAS indicam-se ou sinalizam-se jogando uma carta alta pedindo o mais rico dos naipes restantes (sem contar obviamente o trunfo quando se joga trunfado) ou jogando uma carta baixa quando se pretende o naipe mais pobre.

Vejamos um exemplo, que melhor ilustre o que pretendemos dizer:

Jogam-se 6♠, o nosso parceiro saiu a A♥ e o morto apresenta-se:

♠	♥	♦	♣
R	2	A	R
V		D	V
10		10	7
2			5
			2

Se E jogar o 9♥, tudo indica que esteja a pedir que o parceiro ataque ♦ (o mais rico dos naipes restantes).

Se E jogar o 2♥ poderá ser uma preferência para ♣.

No caso em apreço nem o 9♥ era uma chamada a ♥ nem o 2♥ pretendia negar o naipe (nem ATITUDE nem CONTAGEM) pelo que as cartas, em cada uma das situações, deveriam indicar uma "PREFERÊNCIA" em futuros atques.

A SINALIZAÇÃO é importantíssima no ataque de flanco, mas só uma prática continuada nas parcerias permitirá atingir resultados significativos.

Recomendo pois que utilize um sistema de SINALIZAÇÃO e que o pratique com o seu parceiro para melhorar a sua eficácia atacante.

Até ao próximo número
Luís Galvão

(Continuação da pág. 1)

país envolvido numa nova guerra, também à margem da ONU e da legalidade internacional. É verdade que era uma participação mínima, quase envergonhada, mas o que comprometeu Portugal foi a natureza do acto e não o seu grau. Ficou a sensação de que se participou com o que nos foi exigido no quadro das nossas capacidades e que predominou a preocupação de marcar uma presença, de não ficar de fora da obcecação belicista que invadiu o ocidente.

O terceiro acontecimento a destacar é o que corresponde às eleições europeias de 13 de Junho.

Independentemente do juízo valorativo que se faça sobre integração europeia de Portugal, que aliás hoje nem faz já sentido, ninguém poderá negar que, sem o sistema democrático fundado em Abril de 1974, a nossa adesão à

Comunidade Económica Europeia, agora União Europeia não teria tido lugar. Por isso as eleições para o Parlamento Europeu são também produto do 25 de Abril. E como acto de participação popular que é, como manifestação cívica do exercício democrático do poder, as eleições, todos os actos eleitorais livres e legítimos, como têm sido os que se têm verificado em Portugal desde o que ocorreu a 25 de Abril de 1975, constituem outro dos grandes objectivos com que o MFA se apresentou aos portugueses.

Também as eleições para o Parlamento Europeu não deixaram de ser afectadas pela guerra que a OTAN, com a colaboração da União Europeia, levou aos Balcãs.

Instalou-se a convicção de que esta guerra, correspondendo no essencial aos interesses dos Estados Unidos, que utilizaram a OTAN como instrumento da afirmação da sua hegemonia neste mundo da globalização, foi em grande parte possível pela cumplicidade de uma Europa socialista com uma administração norte-americana democrata, mais ou menos identificados numa família política comum.

Não será abusivo interpretar a severa punição sofrida pelo "socialismo europeu", como uma condenação do eleitorado por esta abdicação europeia. E se Portugal constituiu excepção, poderá não ser estranho ter a sua lista socialista sido encabeçada por um nome de referência, que tinha assumido publicamente uma inequívoca crítica à guerra.

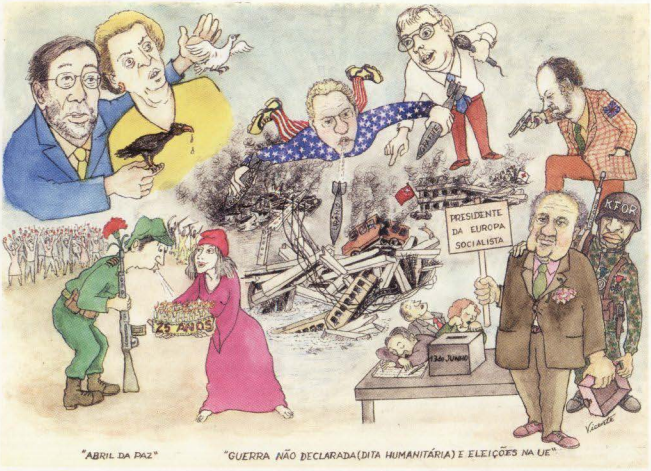
No mínimo, perante esta conjuntura tão delicada e com tão oportuna coincidência temporal, se houvesse um amplo apoio popular à opção bélica do socialismo europeu, ele teria tido expressão nas urnas. Mas foi o inverso que se passou.

E não pode também deixar de se associar a guerra e a elevadíssima taxa de abstenção. As eleições europeias têm sido sempre pouco mobilizadoras. Mas estas foram, à média europeia, as menos participadas de todas.

Seria natural que, tendo-se processado o acto eleitoral logo a seguir àquilo que se anunciou como, finalmente, a definição de uma "identidade europeia", se tivesse registado uma maior adesão, caso essa definição encontrasse eco na sensibilidade dos "cidadãos europeus". Afinal a abstenção cresceu em relação às anteriores. Fenómeno a que não será estranha a forma como a "identidade europeia de segurança e defesa" foi assumida, em plena guerra e por esta pressionada, numa cimeira que não era da União Europeia mas sim da OTAN, liderada pelos Estados Unidos e muito mais orientada para os interesses norte-americanos do que para os europeus.

Os responsáveis europeus na OTAN não escolheram, de facto, nem o melhor local, nem o melhor método para decidirem da identidade europeia. E por isso a mensagem não chegou aos seus concidadãos.

PEDRO PEZARAT CORREIA



"ABRIL DA PAZ" "GUERRA NÃO DECLARADA (DITA HUMANITÁRIA) E ELEIÇÕES NA UE"